

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**PORTUGUESE ADAPTATION OF THE SECURITY IN
THE INTERPARENTAL SUBSYSTEM SCALES: FACTOR
STRUCTURE AND VALIDITY STUDIES**

Ana Rita dos Santos Lambuça

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/ Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)

2014

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**PORTUGUESE ADAPTATION OF THE SECURITY IN
THE INTERPARENTAL SUBSYSTEM SCALES: FACTOR
STRUCTURE AND VALIDITY STUDIES**

Ana Rita dos Santos Lambuça

Dissertação orientada pela Professora Doutora Marta Pedro

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/ Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)

2014

*A todos aqueles que me têm acompanhado incondicionalmente
durante esta (ainda) curta viagem que é a minha vida.*

Agradecimentos

“*Gratidão* (s. f.): sentimento de lembrança e agradecimento por um bem recebido, em relação ao seu autor”

É com uma enorme alegria e gratidão que celebro esta meta no meu percurso acadêmico, no meu percurso de vida. Esta foi uma caminhada repleta de rosas mas também dos seus espinhos, de momentos de pura e simples felicidade mas também de momentos que me obrigaram a crescer, descobrir-me e (re)construir-me. E, como em qualquer outra caminhada da vida, caminhamos melhor quando vamos acompanhados. Quero por isso agradecer a todas estas fantásticas pessoas que têm percorrido comigo todo este caminho...

... À Professora Doutora Marta Pedro,

Por toda a sua disponibilidade, paciência e orientação, por me levar a desafiar-me e às minhas capacidades, por me proporcionar todo este crescimento pessoal e por ser um modelo a seguir.

... Aos meus amigos do secundário,

Por se manterem ao meu lado durante todos estes anos, pelos laços e confiança que criámos, pelas nossas brincadeiras de sempre e pelas nossas alegrias, por me mostrarem como é bom certas coisas nunca mudarem.

... Ao Carlos,

Por estar sempre presente ao longo do meu percurso, por me proporcionar a mim – e a tantos outros – momentos de grande diversão que tanto aliviaram o peso do stress e dos trabalhos.

... Às minhas amigas da faculdade,

Por me ensinarem que novas amizades podem também ser amizades para a vida, por toda a vossa grande aceitação e paciência para comigo, por serem a garantia de que há bons (futuros) profissionais na nossa área mas, acima de tudo, de que há pessoas com um grande coração.

... À minha família e em especial aos meus queridos pais,

Porque a minha família é uma base de segurança e o meu porto de regresso, especialmente os meus pais. Por serem uma fonte inesgotável de apoio e carinho, por acreditarem sempre em mim e nas minhas escolhas. Por serem os meus grandes exemplos nesta vida e por estarem eternamente comigo e no meu ser. Porque sem vocês, eu não seria quem sou hoje.

A todos vós, um enorme obrigado.

Resumo

É amplamente reconhecido o impacto nocivo que o conflito parental tem sobre os mais diversos aspetos do ajustamento psicológico das crianças (e.g. Cummings & Davies, 2002; Cummings & Keller, 2006). Mais concretamente tipos de conflito destrutivos e hostis, caracterizados pela sua maior frequência e intensidade e fraca ou nenhuma resolução, mostram-se especialmente nocivos para a saúde mental das crianças (e.g., Goeke-Morey, Cummings & Papp, 2007; Larrosa, Souto & Alda, 2012; Schudlich & Cummings, 2007). Deste modo, problemas ao nível de sintomas de internalização e externalização, problemas comportamentais, e desajustamento académico, são frequentes em crianças expostas a um ambiente familiar conflituoso. A teoria da segurança emocional, proposta originalmente por Davies e Cummings (1994), pretende identificar processos-chave essenciais para compreender de que modo é que o conflito hostil e destrutivo entre pais se traduz no desajustamento psicológico das crianças. Postula assim que as relações entre o conflito interparental e o ajustamento psicológico das crianças são mediadas pela segurança emocional das crianças sendo que, perante a ameaça colocada à sua segurança, são ativados mecanismos de segurança emocional que procuram ajudar a criança a lidar com o stress gerado. A preservação da segurança emocional é assim tida como um objetivo primário na vida da criança, guiando as suas reações e ações sobre o conflito interparental (Davies & Cummings, 1994, 1998; Davies & Sturge-Apple, 2007).

Assim, originalmente desenvolvida por Davies, Forman, Rasi, e Stevens (2002), a Escala de Segurança no Subsistema Interparental (*Security in the Interparental Subsystem (SIS) Scale*) trata-se de um instrumento de auto-relato utilizado para avaliar os relatos dos jovens referentes às estratégias de preservação da segurança emocional empregues para lidar com o conflito interparental. Este instrumento integra três diferentes dimensões da segurança emocional: reatividade emocional, regulação da exposição ao relacionamento parental, e representações internas das relações interparentais. Mais concretamente, este instrumento avalia um total de sete subescalas inerentes a estas três dimensões: reatividade emocional e desregulamento comportamental (ambas da escala de reatividade emocional), evitamento e envolvimento (constituintes da escala de regulação da exposição ao relacionamento

parental), e ainda representações familiares construtivas, representações familiares destrutivas, e representações do *spillover* do conflito (pertencentes à escala de representações internas das relações interparentais). Davies e seus colegas (2002) ainda referem a possibilidade de dividir a subescala da reatividade emocional em duas novas subescalas que avaliam diferentes componentes da mesma: ativação emocional e desregulamento emocional. Apesar da análise fatorial confirmatória do estudo original sugerir um melhor ajustamento deste modelo de oito factores, os autores recomendam e utilizam o modelo de sete factores no seu instrumento.

O presente estudo propõe-se, então, a investigar a estrutura fatorial da Escala de Segurança no Subsistema Interparental, assim como comparar vários modelos alternativos ao modelo original de sete fatores, recorrendo ainda a uma análise fatorial confirmatória (AFC) e examinando as propriedades psicométricas desta escala. Esta investigação tem por objetivo último adaptar estas escalas para a população portuguesa, procedendo ainda a uma validação convergente e discriminante. Este estudo contou, assim, com a participação de um total de 335 adolescentes portugueses, entre os 12 e 19 anos de idade, e uma subamostra de 426 pais desses mesmos adolescentes (213 mães e 213 pais). A amostra foi recolhida junto de 8 escolas públicas e secundárias do distrito de Grande Lisboa e através de um processo de bola-de-neve junto de conhecidos de estudantes de psicologia. Neste estudo, é assim avaliando o conflito no relacionamento parental (*O'Leary-Porter Scale (OPS)*, Porter & O'Leary, 1980; Versão Portuguesa da Psiquilíbrio Edições ©, 2013) bem como a satisfação conjugal dos pais (*Kansas Marital Satisfaction (KMS) Scale*, Schumm et al., 1986; Versão Portuguesa da Psiquilíbrio Edições ©, 2013); as perceções dos jovens acerca deste conflito (*Children's Perception of Interparental Conflict (CPIC) Scale*, Grych, Seid & Fincham, 1992; versão portuguesa Moura et al. 2010) e as estratégias por eles utilizadas na preservação da sua segurança emocional dentro do conflito interparental (*Security in the Interparental Subsystem (SIS) Scale*; Davies et al., 2002), avaliando ainda os seus níveis de internalização e externalização (*Youth Self-Report (YSR)* e *Child Behavior Checklist (CBCL)*, Achenbach, 2001; Versão Portuguesa da Psiquilíbrio Edições ©, 2013).

Os resultados obtidos foram semelhantes aos do estudo original de Davies et al. (2002) e a Escala de Segurança no Subsistema Interparental mostrou ter boas qualidades psicométricas. Todas as subescalas, à excepção da subescala de desregulamento comportamental (.30), apresentam bons índices de consistência interna de acordo com

Nunnally (1978). Este estudo averiguou também potenciais diferenças ao nível das médias obtidas pelos rapazes e pelas raparigas da amostra, recorrendo para este efeito a uma série de *t-tests*. Os resultados obtidos são semelhantes aos do estudo de Davies et al. (2002) pelo que, em comparação com os rapazes, as raparigas apresentam níveis mais elevados de reactividade emocional (tanto a nível de activação como de desregulamento emocional), evitamento, e representações familiares destrutivas. Com a exceção do evitamento ($d = .42$), as diferenças entre as médias mostram não ser perturbadas por efeitos de tamanho, de acordo com Cohen (1988). A análise fatorial confirmatória revelou, assim como no estudo original, um melhor ajustamento de um modelo alternativo de oito sobre o modelo de sete factores utilizado no instrumento original. Deste modo, o modelo proposto para a população portuguesa e para a versão portuguesa da Escala de Segurança no Subsistema Interparental é o modelo de oito factores que mede ambos os componentes da reactividade emocional, a activação e o desregulamento emocional. A título exploratório, procedeu-se também à melhoria do modelo de oito factores, com base na análise dos índices de modificação (IM). Os MI sugeriram um total de dez correlações significativas (Maroco, 2010) entre resíduos de itens pertencentes à mesma subescala (6 correlações) bem como entre resíduos de itens pertencentes a subescalas diferentes (4 correlações). Estas correlações foram integradas no modelo melhorado à luz da sua pertinência e devida justificação teórica, e não foram encontrados *cross-loadings*. Por sua vez, a análise da validade convergente e discriminante apoiam que as várias subescalas da Escala de Segurança no Subsistema Interparental medem eficazmente o construto que se propõem a medir, a segurança emocional, pelo que apresentam correlações moderadas e significativas com as escalas do CPIC e YSR, e correlações baixas e pouco significativas com as escalas do OPS e KMS. As baixas correlações encontradas com as escalas do CBCL (instrumento equivalente ao YSR mas referente aos relatos dos pais, neste caso) sugerem que os sintomas de internalização e externalização relatados pelos jovens como fruto da exposição ao conflito parental podem não ser denotados pelos pais. Isto pode sugerir que os pais têm menor percepção das repercussões nocivas que o conflito parental está a exercer sobre os seus filhos.

É importante reconhecer que este estudo apresenta as suas limitações. A baixa consistência interna da subescala de desregulamento comportamental (como também encontrado em Davies et al., 2002) mostra grandes limitações à sua utilização clínica e

em investigações. Outra limitação passa pela falta de uma análise das diferenças entre géneros já que foram encontradas diferenças significativas entre médias dos rapazes e das raparigas. Uma grande limitação é a falta de um teste-reteste que permita validar a confiabilidade da escala. É assim reconhecida a importância de que investigações futuras se debrucem sobre um aprofundamento do desenvolvimento e validação deste instrumento que tem um tão grande potencial, tanto a nível clínico como de investigação, em especial dado que ainda são poucos os instrumentos que medem o construto da segurança emocional. Apesar das suas limitações, este estudo constitui um primeiro passo no sentido de preencher a lacuna na investigação das relações entre o conflito interparental e o ajustamento da criança em Portugal, adaptando a Escala de Segurança no Subsistema Interparental de Davies et al. (2002) para a população portuguesa e ainda confirmando e validando a aplicabilidade da teoria da segurança emocional dentro da cultura portuguesa.

Palavras-chave: Análise Factorial Confirmatória; Propriedades Psicométricas; Conflito Interparental; Ajustamento da Criança; Segurança Emocional.

Abstract

Originally proposed by Davies, Forman, Rasi, and Stevens (2002), the Security in the Interparental Subsystem (SIS) Scale is based on the emotional security theory (Davies & Cummings, 1994), with postulates that children's emotional security mediates the relationship between interparental conflict and child adjustment. The present study investigates the SIS Scale factor structure through a Confirmatory factor analysis (CFA) and examines its psychometric properties, aiming ultimately to adapt and validate these scales for the Portuguese population. This study counts with the participation of a total of 335 Portuguese adolescents (ages 12 to 19) and a subset of 426 of their mothers (N = 213) and fathers (N = 213), and assessed the conflict in the parental relationship (*O'Leary-Porter Scale (OPS)*; Porter & O'Leary, 1980) and parents' marital satisfaction (*Kansas Marital Satisfaction (KMS) Scale*; Schumm et al., 1986); children's perceptions of such conflict (*Children's Perception of Interparental Conflict (CPIC) Scale*; Grych, Seid & Fincham, 1992) and strategies used to preserve emotional security within the interparental conflict (*Security in the Interparental Subsystem(SIS)Scale*; Davies et al., 2002), as well as their levels of internalizing and externalizing symptoms (*Youth Self-Report (YSR)* and *Child Behavior Checklist (CBCL)*; Achenbach, 2001). Results were similar to the original study and the scale showed both good psychometric properties and validity for this Portuguese sample. Confirmatory factor analysis showed better fit of an alternative eight-factor model (also suggested by Davies et al., 2002) over the seven-factor model used in the original instrument. Results thus confirm and validate the applicability of the emotional security theory within the Portuguese culture.

Keywords: Confirmatory Factor Analysis; Psychometric Properties; Interparental Conflict; Child Adjustment; Emotional Security.

Table of Contents

| | |
|------------------------------|------------|
| List of Tables..... | XI |
| List of Figures | XII |
| Introdução | 1 |
| Introduction | 2 |
| Method | 7 |
| Results..... | 12 |
| Discussion | 15 |
| References..... | 20 |

Appendixes:

Appendix A – Autorização do Ministério de Educação

Appendix B – Carta de Solicitação de Colaboração no Estudo

Appendix C – Consentimento Informado dos Adolescentes

Appendix D – Protocolo de Investigação dos Adolescentes

Appendix E – Consentimento Informado dos Pais

Appendix F – Protocolo de Investigação dos Pais

List of Tables

Table 1.

Descriptive analysis of the SIS Scales items30

Table 2.

SIS subscales internal consistency, means and standard deviations for the overall sample and each gender, and intercorrelations between the SIS Scales.....31

Table 3.

Model fit statistics32

Table 4.

Correlations between the Security in the Interparental Subsystem (SIS) subscales, CPIC subscales and OPS marital conflict scale33

Table 5.

Correlations between the Security in the Interparental Subsystem (SIS) subscales and the Internalization and Externalization subscales of the YSR and CBCL34

Table 6.

Correlations between the Security in the Interparental Subsystem (SIS) subscales and the KMS marital satisfaction scale35

List of Figures

Figure 1.

| | |
|---|----|
| Proposed Seven-factor Model (Model 1) | 25 |
|---|----|

Figure 2.

| | |
|--|----|
| Alternative Eight-factor Model (Model 2) | 26 |
|--|----|

Figure 3.

| | |
|---|----|
| Alternative Second Order Seven-factor Model (Model 3) | 27 |
|---|----|

Figure 4.

| | |
|---|----|
| Alternative Second Order Eight-factor Model (Model 4) | 28 |
|---|----|

Figure 5.

| | |
|---|----|
| Improved Eight-factor Model (Model 5) | 29 |
|---|----|

Introdução

O presente estudo está inserido numa investigação mais ampla *Relações Familiares e Bem-Estar na Adolescência: Fatores protetores e riscos em contexto de crise económica*, a decorrer na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, que está a ser desenvolvida por Pedro e Francisco (2013).

No âmbito do crescente corpo de investigação que se debruça sobre as relações familiares e o bem-estar dos jovens, é importante perceber como o relacionamento parental influencia o ajustamento psicológico dos adolescentes. Está bem estabelecido na literatura como o conflito interparental, em especial conflito com características destrutivas, tem repercussões nocivas sobre o ajustamento psicológico dos jovens. Assim teoria da segurança emocional de Davies e Cummings (1994) apresenta-se como uma boa base teórica para este tipo de investigações, uma vez que é uma teoria exploratória e explicativa dos processos-chave inerentes a estas relações entre o conflito entre pais e a saúde mental dos jovens. Esta teoria postula um papel mediado da segurança emocional entre estas relações. Para esse efeito, Davies, Forman, Rasi, e Stevens (2002) desenvolveram a Escala de Segurança no Subsistema Interparental (*Security in the Interparental Subsystem (SIS) Scale*) com o objetivo de avaliar a segurança emocional relatada pelas crianças e jovens perante a exposição ao conflito interparental. O presente estudo é inovador por ser o primeiro, até à data e no conhecimento dos seus autores, a proceder à análise da estrutura fatorial da Escala de Segurança no Subsistema Interparental, recorrendo para tal a uma análise fatorial confirmatória (AFC), e avaliando ainda as qualidades psicométricas deste instrumento. É um estudo também pertinente por adaptar esta escala à população portuguesa, permitindo que esta seja utilizada tanto em investigações sobre esta temática como no contexto clínico para avaliação e apoio ao planeamento da intervenção em jovens que estejam expostos a contextos familiares de elevado conflito.

Seguidamente, a tese apresenta-se no formato de artigo científico e redigida em língua Inglesa, como será submetida a publicação em um periódico internacional.

Portuguese Adaptation of the Security in the Interparental Subsystem Scales: Factor Structure and Validity Studies

The impact of interparental conflict on several aspects of children's psychological adjustment is well established in the literature (e.g. Cummings & Davies, 2002; Cummings & Keller, 2006; Grych & Fincham, 1990). Children's emotional security about the marital relationship may contribute to the explanation for links between interparental conflict and children's well-being. According to emotional security theory (Davies and Cummings, 1994) the emotional security mechanism reacts to the conflict, managing children's ability to successfully cope with daily problems (Davies & Cummings 1994, 1998), which will ultimately affect their psychological adjustment (e.g., Davies, Martin & Cicchetti, 2012). However, despite the strong empirical support for the mediating role of children's emotional security, on the association between interparental conflict and children's maladjustment (e.g., Cummings et al., 2006; Cummings et al., 2012; Davies & Cummings, 1998; Harold et al., 2004; Schudlich & Cummings, 2007) instruments that measure emotional insecurity in the interparental system are still sparse. The Security in the Interparental System (SIS) Scale developed by Davies, Forman, Rasi, and Stevens, (2002) addresses this gap in the investigation, assessing children's reports of how they maintain the goal of emotional security in the context of interparental conflict. In addition, this instrument may also provide clinically significant information for children's coping methods in preserving their emotional security. However, further investigation and validation of this instrument is needed, as it is still a relatively recent and underused set of scales.

The Impact of Interparental Conflict on Child Adjustment

The marital and parental relationships are particularly prone to disagreements given the great deal of shared intimacy and interdependence between spouses, and thus some degree of interparental conflict is not unusual. Nevertheless, interparental conflict has recently become a public health concern due to its significant threat to children's mental health (Cummings & Keller, 2006; Davies & Sturge-Apple, 2007) and its subsequent prevailing negative effects on their psychological adjustment (Davies &

Woitach, 2008). However, research shows that not all types of conflict are harmful for children. Many studies have concluded that the negative effects of interparental conflict are not produced by the mere existence of conflict, but rather by the way conflict is expressed and managed by parents (Davies & Cummings, 1994; Goeke-Morey, Cummings & Papp, 2007; Grych, 1998; McCoy et al., 2009). More specifically, destructive and hostile forms of interparental conflict have shown to be good predictors of children's emotional insecurity (Davies, Martin & Cicchetti, 2012), contrasting with supportive and resolved constructive conflict that seem to be related to lower levels of insecurity (e.g. Goeke-Morey, Cummings & Papp, 2007; McCoy et al., 2009; Davies, Martin & Cicchetti, 2012). These negative forms of interparental conflict are defined by their frequency and extension over a long period of time, greater intensity, and parental hostility or disengagement (Larrosa, Souto & Alda, 2012; Schudlich & Cummings, 2007), as well as poor conflict resolution (Goeke-Morey, Cummings & Papp, 2007; Larrosa, Souto & Alda, 2012; Schudlich & Cummings, 2007; Siffert & Schwarz, 2011), or the conflict's topic (Grych, 1998; Grych & Fincham, 1993).

Subsequently, children's exposure these high levels of conflict among their parents increases their risk of psychological problems, including internalizing symptoms, such as depression or anxiety, externalizing problems, like aggressive behavior or conduct problems, and academic difficulties (e.g., Davies & Sturge-Apple, 2007; Harold et al., 2004; Larrosa, Souto & Alda, 2012; Siffert & Schwarz, 2011). These empirical findings promoted the development of a new generation of research that aims to identify key processes responsible for the risk of children's psychological maladjustment in the context of interparental discord. Davies and Cummings (1994) emotional security theory plays an important role in this line of research, by suggesting that children's emotional security acts as a mediator mechanism between interparental conflict and children's subsequent psychological problems.

The Emotional Security Theory

Davies and Cummings (1994) propose that children's responses to parental disputes are oriented by the implications of conflict for their sense of emotional security. If the interparental dispute presents the characteristics of destructive conflict, children will likely become concerned about their personal well-faire and safety.

Furthermore, the implications on children's adjustment and mental health will vary accordingly to how their emotional security supports their ability to cope successfully with everyday problems. Therefore, emotional security theory argues that preserving and promoting their own sense of emotional security is a primary goal in children's lives, and guides their reactions and actions (Davies & Cummings, 1994, 1998; Davies & Sturge-Apple, 2007). Attachment theory provided a guide for emotional security hypothesis, by emphasizing that the harmful effects of parenting difficulties on children's adaptive functioning may be explained, to a certain extent, by children's difficulties in using parents as sources of protection and support, within the parent-child attachment relationship (Davies & Woitach, 2008; for further readings on the attachment theory consult Bowlby, 1969, 1973, 1988). However, emotional security theory differs from attachment theory in positing that children's sense of security is not uniquely obtained through the parent-child relationship, as it also derives from the interparental relationship (Davies & Forman, 2002; Davies & Woitach, 2008). Stressor within the family relationships context may then arise from the direct relationship between children and their parents as well as the interparental relationship, thus activating distinct behavioral systems, all aiming to safeguard children's sense of security (Davies & Sturge-Apple, 2007). A more recent ethological reformulation of emotional security theory (Davies & Woitach, 2008; Davies & Sturge-Apple, 2007) highlights the adaptive and survival value of children's reactions to the interparental conflict, allowing a better understanding of the similarities and differences between interparental and attachment emotional insecurity (Davies & Sturge-Apple, 2007). Parental discord represents a disruption on children's primary system of protection, the attachment system in the parent-child relationship. Consequently, a different set of defenses arises from a distinct and complementary system, the social defense system. According to evolutionary theory, the social defense system was developed during our species' history with the purpose of minimizing threats posed by family and social network members (Davies & Woitach, 2008). This system is sensitive to social signals of potential threat, such as yelling, and equipped with its own repertoire of protective strategies, necessary to preserve children's sense of emotional security in the interparental relationship. Thus, when activated by a destabilization of children's security in the interparental subsystem, the emotional security mechanism triggers responses within three domains, each representing a distinct component of emotional security: (1) *emotional reactivity*, characterized by intense, prolonged and dysregulated

expression of vigilance, fear and distress; (2) *regulation of exposure to parental affect*, which reflects children's avoidance or involvement in the interparental conflict; and (3) *internal representations of interparental relationships*, that concerns children's representations of perceived consequences on their personal well-being, as well as on their family's welfare (Davies & Cummings 1994, 1998; Davies et al., 2002). Thereby, emotional security can be seen as both a primary goal and a mechanism in it self, since it simultaneously regulates and is regulated by emotions, thoughts, behavioral expressions and physiological responses.

Children's Emotional Security in the Interparental Subsystem

Ultimately, prolonged exposure to destructive forms of interparental conflict sensitize children to concern about their security, given that it increases the chances of future conflicts, as well as conflict spillover from the parental subsystem to the parent-child relationships, and it also endangers family's stability and structure (Davies & Woitach, 2008). Therefore, concerns about security and the activation of the emotional security mechanism may be adaptive for children from high-conflict homes, in the sense that it prepares them to identify and cope with potential dangers. But all of this is not without cost, for constant concerns on their security may be maladaptive for children's long-term psychological adjustment, causing social, emotional, cognitive and even physical problems (Davies et al., 2002; Davies & Woitach, 2008). Accordingly, the constant relocation of psychological and physical resources to sustain emotional security, and safeguard them from the deleterious effects of interparental disputes, decreases the available resources needed in other significant developmental goals and tasks (Davies et al., 2002; Davies & Lindsay, 2004). This explains why children become more vulnerable to psychological problems over time (Cummings et al., 2006; Larrosa, Souto & Alda, 2012; Siffert & Schwarz, 2011).

Recent studies have aimed to study the pathways between interparental conflict and subsequent implications for children's adjustment. Harold and his colleagues (2004) have shown that both emotional regulation and internal (cognitive) representations have a significant impact upon emotional security in the parent-child relationship, contrary to behavioral dysregulation. They also found a mediating effect of emotional regulation between interparental conflict and internalizing and externalizing problems (also

supported by Siffert & Schwarz, 2011). Other studies have shown that interparental conflict in early childhood is a predictor of emotional insecurity, which in turn seems to relate to internalizing and externalizing problems in adolescence (Cumming et al., 2012; Harold et al., 2004). All these findings support the hypothesis that emotional insecurity mediates (Davies & Cummings, 1998), or is implicated, in the process linking interparental conflict and children's adjustment problems (Cummings et al., 2006; Cumming et al., 2012; Harold et al., 2004; Schudlich & Cummings, 2007).

With the aim to reinforce empirical validation of this process-oriented theory, and access children's reports of how they preserve the primary goal of emotional security in the context of interparental conflict, Davies, Forman, Rasi and Stevens (2002) developed the SIS Scale. This instrument provides a much needed measurement of the emotional security construct, allowing new possibilities when investigating children's psychological adjustment within interparental conflict. Moreover, the SIS Scale may also be used in the clinical assessment of children's exposure and psychological adaptation in high-conflict homes, providing crucial information on where and what therapists should focus their intervention. These scales were originally developed from children's interviews transcripts, coding systems on children's responses to interparental and interadult conflict used in previous studies (e.g. Davies & Cummings, 1998), as well as observational data. The authors also resorted to some well established research scales to generate some of SIS scales' items, such as: the Home Data Questionnaire (Garcia O'Hearn et al., 1992), the Family Structure Survey (Lopez, Campbell & Watkins, 1988), and the Children's Perception of Interparental Conflict (CPIC) Scale (Grych et al., 1992).

The Present Study

The general purpose of this study is to contribute to the adaptation of the SIS Scale to the Portuguese population, and examine the psychometric properties of the Portuguese version of SIS. This includes the following goals: (1) to examine the factorial structure of the Portuguese version of SIS in a community sample of Portuguese pre-, early and late adolescents, using Confirmatory Factor Analysis (CFA); and (2) to evaluate the convergent and discriminant validity of the Portuguese version of SIS.

METHOD

Participants

The data from this study was collected from a larger investigation examining aspects of family life. In this study, data was collected from a sample of 355 Portuguese adolescents (56.9% female and 43.1% male), wherein 213 parents (both mother and father) successfully completed and returned the study's protocol (60% parental response rate). The participants in this study were mostly from the Lisbon metropolitan area (59.2%; 34.9% from the Center Region; 3.9% from the Algarve; 1.1% from Alentejo; 0.3 from the North Region; 0.6% did not specify their residency region) and the majority of them had Caucasian ethnicity (91%; 5.6% had African ethnicity; 2% had African-Caucasian; 0.8% had Asian ethnicity; 0.6% did not specify their ethnicity).

The adolescent participants, age ranged 12 to 19 years ($M = 15.15$; $SD = 1.84$), had to be enrolled in school (37.2% were in middle school: 7th grade – 13%; 8th grade – 12.4%; 9th grade – 11.8%; and 62.8% were in high school: 10th grade – 23.4%; 11th grade – 20.5%; 12th grade – 18.9%) and live with at least one of their biological parents.

We had a total of 426 parents (213 mothers and 213 fathers) participating in this study, currently living with their participating child and a partner in either marriage, registered partnership, or a reconstructed family situation. The mothers' age ranged from 29 to 58 ($M = 44.32$; $SD = 4.41$) and had different levels of qualification (up to the 4th grade – 2.5%; 5th to 6th grade – 3.4%; 7th to 9th grade – 16.1%; 10th to 12th grade – 49.5%; degree – 22.3%; post graduation – 6.2%). The fathers' age ranged from 30 to 78 ($M = 46.38$; $SD = 5.37$) and had different levels of qualification (up to the 4th grade – 2.3%; 5th to 6th grade – 5.4%; 7th to 9th grade – 20.3%; 10th to 12th grade – 49.9%; degree – 16.3%; post graduation – 5.9%). The majority of these parents had, on average, 2 children.

Procedure

Participants were recruited from 8 public basic and secondary schools from the Lisbon metropolitan area. Ethics approval and permission to contact parents were obtained from each school board before the study began. After receiving permission

from schools to conduct the study, parents were contacted by giving the students letters describing the study and inviting families to participate. Parents, and adolescents alike, provided written consent to participate in a study about family relationships. Questionnaires were then sent home with the adolescent. The researchers gave three envelopes for the students to take home, each containing a protocol (one for the youth, and one for each parent). The parents had instructions to complete the questionnaires independently and then seal the questionnaires in the envelopes. To guaranty the participants' anonymity they were assured that information would be used only for research purposes, and the protocols had a coding system that identified each participating family with their own code. The protocols also provided the e-mail address of the main investigator for querying purposes. Furthermore, all the investigators involved in the data collection process tried to answer most of the youth's doubts during their visits to the classroom.

In addition to the school recruitments, people from the close environment of psychology students were contact (snowball sample). Each investigator contacted the families directly and handed then the authorized consent. The subsequent procedures are similar to the depicted above and the coded and sealed envelopes were delivered to us by hand.

Measures

SIS Scales. The Portuguese version of SIS Scales, obtained by translation and back translation procedure performed by bilingual individuals, was used in this study. The instrument includes 43 items, 37 of which are used to compose its subscales – the items excluded from the scales are 5, 10, 17, 20, 25 and 32. Each item consists of a statement (referring to a period of within the past year) and is rated by the child in terms of how true it is to them, using a 4-point Lickert scale from 1 = not at all true of me to 4 = very true of me). The SIS Scale is assess the three component processes of emotional security, *emotional reactivity*, *regulation of exposure to parental affect*, and *internal representations* of interparental relationships, as well as the potential threat and impact of the interparental conflict on family well-fare and parent-child relationships. Seven subscales deriving from the three component process scales. The composite of each of these subscales are calculated through the sum of all of its composing items. The

emotional reactivity scale is composed by the subscales *emotional reactivity*, reflecting frequent, prolonged and dysregulated expressions of negative affect, indicating feelings such as sadness and unsafeness, or the incapability of calming down, upon their parents' argument (9 items); and *behavioral dysregulation*, which refers to behavioral arousal and lack of control, including actions such as yelling, kicking, or causing trouble (3 items). Regulation of exposure to parental affect scale includes the *avoidance* subscale, which reflects strategies such as trying to be really quiet, or trying to get physically away from the parental discord, used to escape interparental conflict (7 items); and the *involvement* subscale, accounting for the disposition to become emotionally (feeling sorry for one or both of them) and behaviorally (trying to comfort them or solve the problem for them) involved in parental conflicts, as its two dimensions (6 items). On the other hand, the internal representations of interparental relationships scale is composed by three subscales: *constructive family representations*, the appraisal of conflict as benign or constructive for the family (with items referring to the belief that, despite the argument, their parents still love each other or that everything will be okay, for example) (4 items); *destructive family representations*, which represents the appraisal of conflict as having harmful consequences for the family (and includes items that reflect worries about the family's future, or the prospective of a separation or divorce, for example) (4 items); and *conflict spillover representations*, that taps children's beliefs that interparental conflict may proliferate to affect their relations with their parents and their own well-being, including items about feelings of being caught inside the argument, or self-blame (4 items). Results from the original study also suggest that, instead of using emotional reactivity subscale as a whole, its items can be divided in two subscales: *emotional Arousal* (4 items) and *emotional dysregulation* (5 items). Although Davies et al. (2002) recommend the use of the seven scales rather than the eight scales, they suggest that this division may be useful to differentiate the emotional arousal from its regulation, assessing emotional reactivity in a more comprehensive way. Furthermore, additional CFA in the original study have shown a better fit to the data by distinguishing between emotional arousal and dysregulation. The authors appeal to the user's caution, discretion and flexibility when selecting the subscales and, in a final consideration regarding this subject, they add that "[their] specific recommendation is to use SIS assessments of emotional reactivity in a way that best meets the aims and goals of the specific study" (Davies et al., 2002; p. 559).

Children's Perception of Interparental Conflict (CPIC) Scale. The Portuguese version of CPIC (Grych, Seid & Fincham, 1992; versão portuguesa Moura et al. 2010) was used to assess children's exposure to destructive interparental conflict. This instrument is a 48-item self-report instrument, assessed on a 6-point scale from 1 (absolutely disagree) to 6 (totally agree), describing destructive forms of interparental conflict. CPIC comprises three scales and nine subscales. The *conflict properties* scale has 19 items addressing conflict frequency, hostility and aggression levels, and how the problem is resolved. It includes the subscales frequency (6 items), intensity (7 items) and resolution (6 items) subscales. The *self-blame* scale is composed by 9 items manifesting the frequency of conflict about child-related topics and the degree to which children blame themselves for the marital conflict. It includes the subscales content (4 items) and self-blame (5 items). Finally, the *threat* scale has 12 items that describe the level of threat perceived by the children and also the degree to which they are capable of coping with the occurring marital conflict. This scale includes the subscales threat (6 items) and coping efficacy (6 items). Higher scores reflect negative forms of conflict or appraisal Scale (Grych, Seid & Fincham, 1992; p. 561). In terms of the internal consistency, the seven subscales displayed an internal consistency above the acceptability standard of .70 (Nunnally, 1978). The respective subscales were summed to form the three composite scales: conflict properties ($\alpha = .91$), self-blame ($\alpha = .74$), and threat ($\alpha = .81$).

Youth Self-Report (YSR). The adolescents completed three subscales from the Youth Self-Report (Achenbach, 2001; Versão Portuguesa da Psiquilíbrio Edições © , 2013): the anxiety/depression (13 items) and the withdrawn/depression (8 items) subscales for internalizing problems; and the aggressive behavior (17 items) subscale for externalizing problems. Each statement referring to child behavioral problems was answered by a 3-point scale (1-Not true; 2-Somewhat true; 3-Very true). Internal consistency estimates were good for all the subscales (anxiety/depression: $\alpha = .79$; withdrawn/depression: $\alpha = .73$; aggressive behavior: $\alpha = .82$).

Child Behavior Checklist (CBCL). Both the parents too completed the same three subscales in the Child Behavior Checklist (Achenbach, 2001; Versão Portuguesa da Psiquilíbrio Edições ©, 2013), wherein this instrument assess exactly the same as the YSR but from the adult (in this case, the parents) point of view. As of the adequate reliability, the subscales all showed α coefficients above .70 for both fathers

(anxiety/depression: $\alpha = .77$; withdrawn/depression: $\alpha = .81$; aggressive behavior: $\alpha = .84$) and mothers (anxiety/depression: $\alpha = .77$; withdrawn/depression: $\alpha = .75$; aggressive behavior: $\alpha = .84$).

O'Leary-Porter Scale (OPS). The O'Leary-Porter Scale (Porter & O'Leary, 1980; Versão Portuguesa da Psiquilíbrio Edições ©, 2013) is a 10-item self-report inventory to assess the degree of marital conflict that the child witnesses. Both parent rated each question using a five-point Likert scale, ranging from "1-Never" to "6-Very Often", describing how often the child witnesses arguments between themselves and their spouse over money, discipline and personal habits of the spouse, including verbal and physical hostility between spouses witnessed by the child. All the items (item 10 being a reverse-score item) were summed in order to obtain a single marital conflict scale. Higher results translate higher levels of interparental conflict. The OPS scale shows good internal consistency of $\alpha = .82$ and $.78$, for both fathers and mothers, respectively.

Kansas Marital Satisfaction (KMS) Scale. The Kansas Marital Satisfaction Scale (Schumm et al., 1986; Versão Portuguesa da Psiquilíbrio Edições ©, 2013) is a 3-item measure to assess marital satisfaction, through a 7-point Likert scale that ranges from "1-Extremely Dissatisfied" to "7-Extremely Satisfied". All three items were summed to form a single composite scale of Marital Satisfaction. Higher results indicate higher levels of marital satisfaction. The KMS scale also shows good internal consistency, with $\alpha = .98$ for fathers and mothers alike.

Statistical Analysis

Firstly, the descriptive analysis was calculated for this data (means, standard deviations), as well as the correlation analysis and internal consistency values, using *SPSS Statistics 22* statistic software. A series of t-test were also used to mean comparison in order to ascertain gender differences in the adolescent sample. Factorial structure of the SIS Scales was evaluated for the Portuguese sample through Confirmatory Factor Analysis (CFA), using *AMOS 22* software (Arbuckle, 2012). In an initial stage, the original Seven-factor Model (Model 1; Figure 1) proposed by the authors was estimated for the adolescent sample. The original model was then compared to alternative models utilizing the chi-square (χ^2) difference test for nested models, and

is important to note that lower chi-square values reflect higher levels of adjustment. To examine and compare the models fit four fit indices were taken under consideration: the *Goodness-of-fit Statistic* (GFI), the *Comparative Fit Index* (CFI), the *Root Mean Square Error of Approximation* (RMSEA), and the *Standardize Root Mean Square Residual* (SRMR). According to Hu and Bentler (1999), $> .95$ GFI and CFI values, $< .06$ RMSEA value, and $< .08$ SRMR value, are indicative of good model adjustment to the data, whereas MacCallun, Browne and Sugawara (1996), referred by the original SIS Scales authors, consider $< .08$ RMSEA value to also be acceptable. After comparing the models, the model showing the best fit was improved using the modification indices (MI) that displayed $> .11$ values.

Lastly, and in order to better adapt the SIS scale and gather further information about its Portuguese version, the convergent and discriminant validity were examined through correlation with CPIC, YSR, CBCL, OPS, and KMS.

RESULTS

Descriptive Analysis

The means and standard deviations of SIS items are presented in Table 1. The adolescents used all the four possible answers in the SIS Scales, and the means range from 1.03 and 3.42. Table 2 depicts the internal consistency of the Portuguese and the original version of SIS subscales. All the subscales show either acceptable or high levels of internal consistency according to Nunnally (1978), in similarity to the results found in the original study of Davies and colleagues (2002). Likewise, the behavioral dysregulation subscale presents the lowest level of internal consistency, although α coefficients were still marginally acceptable in the original study whereas the present value of $\alpha = .32$ is considerably low. Most correlations between the seven SIS subscales (Table 2) are above the .30 value with the exceptions on some subscales in particular. Correlations with the behavioral dysregulation subscale were mostly low, except for its correlation with conflict spillover representations (.35). Correlations between the constructive family representations subscales were also mostly low with the exception of its moderate correlation with Involvement (.29).

The means and standard deviations for boys, girls, and the overall sample are also presented in Table 2. In order to assess differences in the mean levels of the emotional security variables, a series of *t* tests were conducted. Results show that girls reported higher levels of emotional reactivity ($t(335) = 2.75, p < .01$; Cohen's $d = .29$), avoidance ($t(335) = 3.84, p < .01$; Cohen's $d = .42$) and destructive family representations ($t(335) = 1.81, p < .10$; Cohen's $d = .19$). Effect sizes for significant gender differences may then be regarded as small for destructive family representations and emotional reactivity, and medium for avoidance.

Confirmatory Factor Analysis (CFA)

Table 3 presents the confirmatory factor analysis (CFA) results. Analyses of the goodness of fit of the proposed seven-factor model (Model 1; Figure 1) showed a relatively poor fit, except for RMSEA and SRMR. All standardized factor loadings were above .30. Next, Model 1 was compared with three alternative models: an eight-factor model (Model 2; Figure 2), a second order seven-factor model (Model 3; Figure 3), and a second order eight-factor model (Model 4; Figure 4). Model 2 examines the possibility of splitting the dimension of emotional reactivity in two (emotional arousal and emotional dysregulation), as suggested by Davies' et al. (2002) in the original study. Model 3 considers the existence of three second-order factors that represent the three component processes of emotional security, as proposed by Davies e Cummings (1994; 1998): emotional reactivity, regulation of exposure to parental affect and internal representations. Finally, Model 4 merges Model 2 and 3, suggesting three second-order factors representing the three component processes of emotional security and the eight subfactors of Model 2. Fit statistics (Table 3) and the χ^2 test results showed that Model 1 presented a slightly better adjustment than Model 2 and Model. However, Model 3 revealed a better fit than Model 1.

Modification Indices (MI) were examined to find potential sources of significant model improvement in Model 3. We used MI values above .11 as indicators of model improvement (Maroco, 2010). The MI suggested that introducing correlated error terms for items 1 and 27, items 2 and 4, items 3 and 40, items 8 and 9, items 11 and 12, items 11 and 22, items 27 and 38, items 29 and 31, items 40 and 42, and items 37 and 41. The standardized factor loadings of Model 4 were all above .30 (Figure 5). The internal

consistency of the newly proposed subscales, emotional arousal ($\alpha = .72$) and emotional dysregulation ($\alpha = .83$) were both acceptable.

All correlations between emotional arousal, emotional dysregulation, and the remaining subscales were significant or within acceptable values, except for the following cases: emotional arousal presented a low correlation with behavioral dysregulation (.15), and both of the emotional arousal and dysregulation subscales showed low correlations with constructive family representations (.05 and $-.02$, respectively). In terms of gender differences in the mean levels, assessed through a series of t-tests, significant differences were also found regarding emotional arousal ($t(335) = 2.70, p < .01$; Cohen's $d = .16$) and emotional dysregulation ($t(335) = 2.36, p < .05$; Cohen's $d = .25$). Once more, girls displayed higher levels of both of these emotional components.

Convergent and Discriminant Validity

In order to assess the SIS Scale's convergent and discriminant validity, correlations between the SIS subscales and the CPIC, YSR, CBCL, OPS and KMS scales were calculated and analyzed. It was anticipated for the SIS subscales to show low and moderate, yet significant, correlations with the CPIC conflict properties, self-blame, and threat scales, and the internalization and externalization scales from YSR and CBCL. No significant correlations were anticipated between SIS and OPS marital conflict scale, and KMS marital satisfaction scale. As expected, the 8 SIS subscales show significant and moderate correlations, with most of the CPIC scales ($.19 < r < .57$) and the two YSR scales ($.11 < r < .38$), as presented in Tables 5 and 6 respectively. This supports the SIS Scale's convergent validity, since the correlations are not high enough to suggest overlapping constructs. Low (and with no significance) correlations were shown between most of the SIS subscales and the OPS marital conflict scale (Table 4) and the KMS marital satisfaction scale (Table 6) for mothers and fathers alike, proving the scales' discriminant validity. It's interesting to notice that the comparison with the CBCL scales (for both parents) did not confirm the expected significant correlations, showing instead low correlations with most of the SIS subscales (Table 5).

DISCUSSION

The present study aimed to examine and test the Security in the Interparental Subsystem (SIS) Scale factor structure and its validity in the Portuguese population, with a sample of pre-, early and late adolescents (ages from 12 to 19) and their parents. To the authors' knowledge, this is the first study (to this date) to test SIS Scale' factor structure through confirmatory factor analysis (CFA).

First, the results obtained in this study suggest that the Portuguese version of the SIS Scale shows good psychometrical properties. Moreover, the results are relatively similar to the ones found in the original study by Davies and colleagues (2002). More specifically, the average scores obtained in the Portuguese version of the SIS Scale are close to the ones found in the original study, as well as the scales' internal consistency. Most of the SIS scales showed appropriate internal consistency estimates, except for the behavioral dysregulation subscale, which presented an internal consistency below the acceptable values (.32), according to Nunnally (1978). The behavioral dysregulation subscale also showed the lowest internal consistency levels in the original study, and the authors recommended caution when using this scale (Davies et al., 2002). Accordingly, this low level of internal consistency may be due to the fact that this is a scale composed only by three items, given that scales with fewer items have a tendency to lack scope and are thus unable to fully grasp the complex concept they intend to measure (McIver & Carmines, 1981).

Confirmatory factor analysis results (Table 3) indicate that the eight-factor model revealed a better fit to the observed data and the Portuguese culture, compared to the original seven-factor structure proposed by Davies and colleagues (2002). These findings were similar to the ones obtained in the original study, which has also find evidence for a better fit regarding an eight-factor structure of SIS. In the light of these results, the present study suggests that emotional arousal and emotional dysregulation are different constructs that should be distinguished for both research and clinical purposes, instead of assessing emotional reactivity in general. Thus, this factor structure is proposed for the Portuguese version of the SIS scale, for the evidence that it best fits the Portuguese culture. Moreover, the modification indices (MI) suggested six significant correlated error terms for items belonging to the same scale. For example, the correlated error terms between item 2 ("When my parents argue, I feel Scared.") and

item 4 (“When my parents argue, I feel Unsafe.”) from the emotional arousal subscale seem to show a tendency of the Portuguese youth to feel personally threatened when the interparental conflict is view as scary. This is perfectly reasonable since negative forms interparental conflict place a threat to children’s sense of emotional security (Davies & Cummings 1994, 1998), subsequently increasing children’s concern with preserving emotional security (Davies et al., 2002; Davies & Woitach, 2008). In its turn, the correlated error terms between item 8 (“After my parents argue I can’t seem to calm myself down.”) and item 9 (“After my parents argue I can’t seem to shake off my bad feelings.”) (from the emotional dysregulation subscale) may suggest that these items are quite similar in their content. In other words, adolescents’ inability to calm down is related to their difficulty to overcome the unsettling feelings induced by observing their parents’ conflict. The avoidance scale also showed correlated error terms. Namely, the error term of item 11 (“When my parents have an argument... I keep really still, almost as if I were frozen.”) showed a significant correlation with the error term of item 22 (“When my parents have an argument I try to be really quiet.”). Given that both items share the same content – more precisely, they reflect strategies used to evade the interparental conflict – their correlation is also theoretically justified, seeing that Portuguese adolescents seem to perceive these two items as related. The same may be said concerning the correlation between items 29 (“When my parents have an argument I feel like staying as far away from them as possible.”) and 31 (“When my parents have an argument I try to get away from them (for example, by leaving the room).”), both reflecting the adolescents’ desire to physically distance themselves from their parents conflict. The correlated error terms between item 37 (“When my parents have an argument... I feel like it’s my fault.”) and item 41 (“When my parents have an argument... I think they blame me.”) of the conflict spillover representation subscale seem to both evidence the tendency to blame the interparental conflict on oneself. This is also supported by the significantly high correlation (.50; $p < .01$) found between the Conflict Spillover Representations SIS subscale and CPIC’s Self-Blame scale. In addition, this correlation suggests a close semantic similarity between these items in the Portuguese language. A possible solution may be to reformulate these items in order to obtain more distinct indicators, or even to take out one of the two items. Lastly, the correlated error terms between item 40 (“When my parents have an argument I know it’s because they don’t know how to get along.”) and item 42 (“When my parents have an argument I wonder if they will separate or divorce.”) from the destructive family

representations subscale appears to reflect a fear that, the lack of confidence in parents' capacity to adaptively resolve conflict, may ultimately bring harmful consequences for the family and its structure (Davies & Cummings, 1994; Goeke-Morey, Cummings & Papp, 2007; Siffert & Schwarz, 2011). This is also consistent with the original definition of the destructive family representations subscale itself (Davies et al., 2002).

Modification indices (MI) also suggested four significant correlations between error terms for items belonging to different scales. Namely, error terms between items 1 ("When my parents argue, I feel Sad.") and 27 ("When my parents have an argument I wait and hope things will get better."), respectively from the emotional arousal and avoidance, were correlated. This seems to suggest that adolescents may associate the sadness caused by an interparental argument with the positive hope that things may get better. Items 3 ("When my parents argue, I feel Angry.") and 40 ("When my parents have an argument I know it's because they don't know how to get along."), respectively from emotional arousal and destructive family representations, showed only a mild correlation (.18) between error terms. This correlation may be conveying the Portuguese adolescents' feeling of frustration upon witnessing an argument between their parents. For assuming that their parents are incapable of resolving their conflicts adaptively (destructive family representation), they are left with the frustration that the conflict won't be resolved, not because it doesn't have a suitable solution, but because their parents appear to be unwilling to find one. Also, the error terms' correlation between item 11 ("When my parents have an argument... I keep really still, almost as if I were frozen.") from the avoidance subscales, and item 12 ("When my parents have an argument... I try to hide what I'm feeling.") from the emotional dysregulation subscale, appear to be interpreted both by the Portuguese youth as ways to prevent themselves from getting tangled in their parents' conflict. Larrosa et al. (2012) suggest that avoidance was adolescents' most common behavior towards destructive interparental conflict. They say that teens try to preserve their emotional security by showing that they don't care about the conflict and by not getting involved in it, perhaps because they perceive their attempts to resolve the parental disagreement as less effective (Larrosa, Souto & Alda, 2012). The correlation between the error terms of items 27 ("When my parents have an argument... I wait and hope things will get better.") and 38 ("When my parents have an argument... I worry about my family's future.") – respectively composing the avoidance and destructive family representations – may suggest that Portuguese

adolescents try to cope (as a product of the activation of the emotional security mechanism) with their fear of a family rupture with the positive thought that issues between their parents may still be resolved in ways that will preserve the family's well-being.

In addition, significant mean differences were found between boys and girls. Consistent with the findings of the original study (Davies et al., 2002), girls presented higher levels of emotional reactivity, as well as emotional arousal and dysregulation, compared to boys. Also in accordance with the original study, girls showed higher levels of avoidance and destructive family representations. The mean differences detected in this study are fairly significant as well as undisturbed by effect sizes, with the exception of avoidance since its effect size ($d = .42$) is medium (Cohen, 1988). Lastly, in terms of convergent and discriminant validity, moderate correlations arouse between the SIS subscales and the CPIC and YSR's scales, and low correlations were shown with the OPS and KMS scales, as predicted. It's interesting to notice that, in contrast with the YSR scales, the internalization and externalization scales of the equivalent parental report (CBCL) showed only low correlations, with few significant ones. These results suggest that parents may not associate their children's internalizing and externalizing symptoms as a result of their threatened emotional security, or that they may not even denote some of the symptoms pointed out directly by the teens. Many hypotheses can arise from these results, one of them being that the parents may show lower levels of perception of the harmful consequences of interparental conflict in the filial subsystem.

Limitations and Considerations for Future Investigations

This study contributed to the adaptation of the SIS Scale to the Portuguese population, by analyzing the instrument's psychometric proprieties, and examining its factor structure through confirmatory factor analysis, as well as its convergent and discriminant validity. However, some limitations must be acknowledged. The first limitation relates to the low level of internal consistency displayed by the behavioral dysregulation subscale. Even though similar results were found in the original instrument (Davies et al., 2002), the behavioral dysregulation subscale's Cronbach coefficient ($\alpha = .32$) is bellow the acceptable range. As referred by Davies, Forman,

Rasi and Stevens (2002), there seems to be a conceptual overlap between behavioral dysregulation and externalizing symptoms, each one referring to a different sort of behavioral dysregulation. The first one refers to behavioral dysregulation as a defensive stance against interpersonal threat in service of emotional security, while behavioral dysregulation is more related to defiant behavior towards and against authority. Thus, there's the need to better define the *behavioral dysregulation* construct, in order to develop a more reliable measure for it. Also, the poor results found in this subscale may be due to behavioral dysregulation subscales' weak impact on the parent-child relationships (Harold et al., 2004). Another limitation is found in the absence of gender differences analysis. As significant mean differences were found between boys and girls, it is important to examine possible gender differences in this model, to evaluate gender invariance. A different limitation, and possibly the one of the most important, is this lack of a test-retest procedure. It is therefore mandatory that future investigations include a test-retest assessment of the SIS Scale, to establish its reliability validity. As the instruments measuring this construct are scarce, much more research is necessary in order to create other reliable instruments to measure emotional security in more extensive ways.

Ultimately, recognizing the important role of the emotional security in children's capacity to cope with the interparental conflict (Davies & Cummings, 1994, 1998; Davies & Sturge-Apple, 2007) and the repercussions it has on children's adjustment (e.g., Davies et al., 2002; Davies & Lindsay, 2004), the SIS Scale appears to be a fairly good self-report instrument, not to mention one of the few instruments to this date to specifically assess the children's emotional security in the interparental subsystem. This study was able to verify that these scales show good psychometric properties. It also confirms the existence and validity of the emotional security theory proposed by Davies and Cummings (1994) for the Portuguese population. This is one first step in the direction of filling the gap in the investigation concerning the emotional security's role in children's psychological in the Portuguese culture. Therefore it is important to continue to invest in this direction and to further improve the SIS Scales' validity and reliability. This might be achieved by studying alternative forms for the assessment of behavioral dysregulation, for example, considering a higher number of items or simply more significant ones. In conclusion, most of the SIS subscales (with the mentioned reservations) prove to be useful beyond its use for investigation purposes. The majority

of the SIS subscales has also shown clinical significance and may therefore be of service to the therapeutic community as an instrument to access children's exposure to interparental conflict, their coping methods, and providing relevant information for the planning of a psychological intervention. This is an instrument with great potential and many more studies regarding this current topic of the child's psychological adjustment in the interparental subsystem ought to be encouraged.

REFERENCES

- Arbuckle, J. L. (2012). *Amos 21.5 User's guide*. Chicago, USA: SPSS, IBM.
- Cohen, J. (1988). *Statistical Power Analysis for Behavioral Sciences (2nd Ed.)*. Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Cummings, E. M., & Davies, P. T. (2002). Effects of marital conflict on children: recent advances and emerging themes in process-oriented research. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 43(1), 31–63.
- Cummings, E. M., George, M. R. W., McCoy, K. P., & Davies, P. T. (2012). Interparental Conflict in Kindergarten and Adolescent Adjustment: Prospective Investigation of Emotional Security as an Explanatory Mechanism. *Child Development*, 83(5), 1703–1715.
- Cummings, E. M., & Keller, P. S. (2006). Marital Discord and Children's Emotional Self-regulation. In Snyder, D. K. (Ed.), Simpson, J. (Ed.), & Hughes, J. N. (Ed.), *Emotion Regulation in Couples and Families: Pathways to Dysfunction and Health*, 163–182.
- Cummings, E. M., Schermerhorn, A. C., Davies, P. T., Goeke-Morey, M. C., & Cummings, J. S. (2006). Interparental Discord and Child Adjustment: Prospective

- Investigations of Emotional Security as an Explanatory Mechanism. *Child Development*, 77(1), 132–152.
- Davies, P. T., & Cummings, E. M. (1994). Marital Conflict and Child Adjustment: An Emotional Security Hypothesis. *Psychological Bulletin*, 116(3), 387–411.
- Davies, P. T., & Cummings, E. M. (1998). Exploring Children's Emotional Security as a Mediator of the Link between Marital Relations and Child Adjustment. *Child Development*, 69(1), 124–139.
- Davies, P. T., & Forman, E. M. (2002). Children's Patterns of Preserving Emotional Security in the Interparental Subsystem. *Child Development*, 73(6), 1880–1903.
- Davies, P. T., Forman, E. M., Rasi, J. A., & Stevens, K. I. (2002). Assessing Children's Emotional Security in the Interparental Relationship: The Security in the Interparental Subsystem Scales. *Child Development*, 73(2), 544–562.
- Davies, P. T., & Lindsay, L. L. (2004). Interparental Conflict and Adolescent Adjustment: Why Does Gender Moderate Early Adolescent Vulnerability? *Journal of Family Psychology*, 18(1), 160–170.
- Davies, P. T., Martin, M. J., & Cicchetti, D. (2012). Delineating the Sequelae of Destructive and Constructive Interparental Conflict for Children Within an Evolutionary Framework. *Developmental Psychology*, 48(4), 939–955.
- Davies, P. T., & Sturge-Apple, M. L. (2007). Advances in the Formulation of Emotional Security Theory: An Ethologically Based Perspective. *Advances in Child Development and Behavior*, 35, 87–137.

- Davies, P. T., & Woitach, M. J. (2008). Children's Emotional Security in the Interparental Relationship. *Current Directions in Psychological Science*, 17(4), 269–274.
- Georke-Morey, M. C., Cummings, E. M., & Papp, L. M. (2007). Children and Marital Conflict Resolution: Implications for Emotional Security and Adjustment. *Journal of Family Psychology*, 21(4), 744–753.
- Grych, J. H. (1998). Children's Appraisals of Interparental Conflict: Situational and Contextual Influences. *Journal of Family Psychology*, 12(3), 437–453.
- Grych, J. H., & Fincham, F. D. (1990). Marital Conflict and Children's Adjustment: A Cognitive-Contextual Framework. *Psychological Bulletin*, 108(2), 267–290.
- Grych, J. H., Seid, M., & Fincham, F. D. (1992). Assessing Marital Conflict from the Child's Perspective: The Children's Perception of Interparental Conflict Scale. *Child Development*, 63, 558–572.
- Harold, G. T., Shelton, K. H., Goeke-Morey, M. C., & Cummings, M. (2004). Marital Conflict, Child Emotional Security about Family Relationships and Child Adjustment. *Social Development*, 13(3), 350–376.
- Hu, L., & Bentler, P. M. (1999). Cutoff Criteria for Fit Indexes in Covariance Structure Analysis: Conventional Criteria Versus New Alternatives. *Structural Equation Modeling*, 6(1), 1–55.
- Larrosa, Souto & Alda (2012). Los adolescentes y el conflicto interparental destructivo: impacto en la percepción del sistema familiar y diferencias según el tipo de familia, la edad y el sexo de los adolescentes. *Universitas Psychologica*, 11(4), 1255–1262.

- MacCallum, R. C., Browne, M. W., & Sugawara, H. M. (1996). Power Analysis and Determination of Sample Size for Covariance Structure Modeling. *Psychological Methods*, 1(2), 130–149.
- McIver, J. P., & Carmines, E. G. (1981). *Unidimensional scaling*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- McCoy, K., Cummings, E. M., & Davies, P. T. (2009). Constructive and destructive marital conflict, emotional security and children's prosocial behavior. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 50(3), 270–279.
- Maroco, J. (2010). *Análise de Equações Estruturais: Fundamentos Teóricos, Software & Aplicações*. Lisboa: Report Number.
- Moura, O., Santos, R. A., Rocha, M., & Matos, P. M. (2010). Children's Perception of Interparental Conflict Scale (CPIC): Factor Structure and Invariance Across Adolescents and Emerging Adults. *International Journal of Testing*, 10, 364–382.
- Nunnally, J. (1978). *Psychometric Theory*. New York: McGraw Hill.
- Porter, B., & O'Leary, K. D. (1980). Marital Discord and Childhood Behavior Problems. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 8(3), 287–295.
- Siffert, A., & Schwarz, B. (2011). Parent Conflict Resolution Styles and Children's Adjustment: Children's Appraisals and Emotion Regulation as Mediators. *The Journal of Genetic Psychology*, 172 (1), 21–39.
- Schudlich, T. D. D. R., & Cummings, E. M. (2007). Parental dysphoria and children's adjustment: Marital conflict styles, children's emotional security, and parenting as mediators of risk. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 35(4), 627–639.

Schumm, W. R., Paff-Bergen, L. A., Hatch, R. C., Obiorah, F. C., Copeland, J. M., Meens, L. D., & Bugaighis, M. A. (1986). Concurrent and discriminant validity of the Kansas Marital Satisfaction scale. *Journal of Marriage and the Family*, 48, 381-387.

FIGURES

Figure 1 – Proposed Seven-factor Model (Model 1)

Model 1 – Seven-factor Model as originally proposed by Davies, Forman, Rasi and Stevens (2002) and its standardized coefficients.

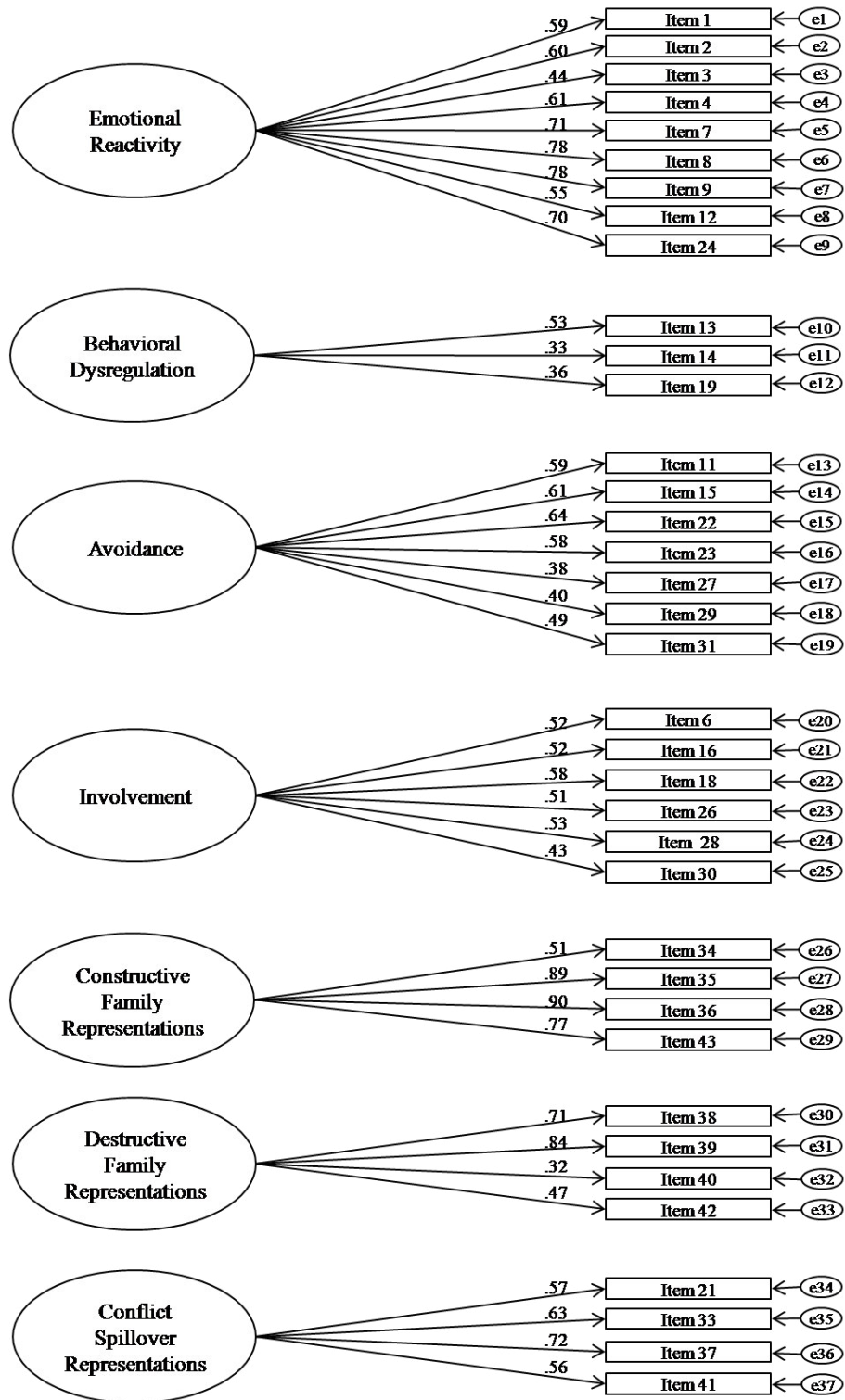


Figure 2 – Alternative Eight-factor Model (Model 2)

Model 2 – Eight-factor Model as referred by Davies, Forman, Rasi and Stevens (2002) and its standardized coefficients.

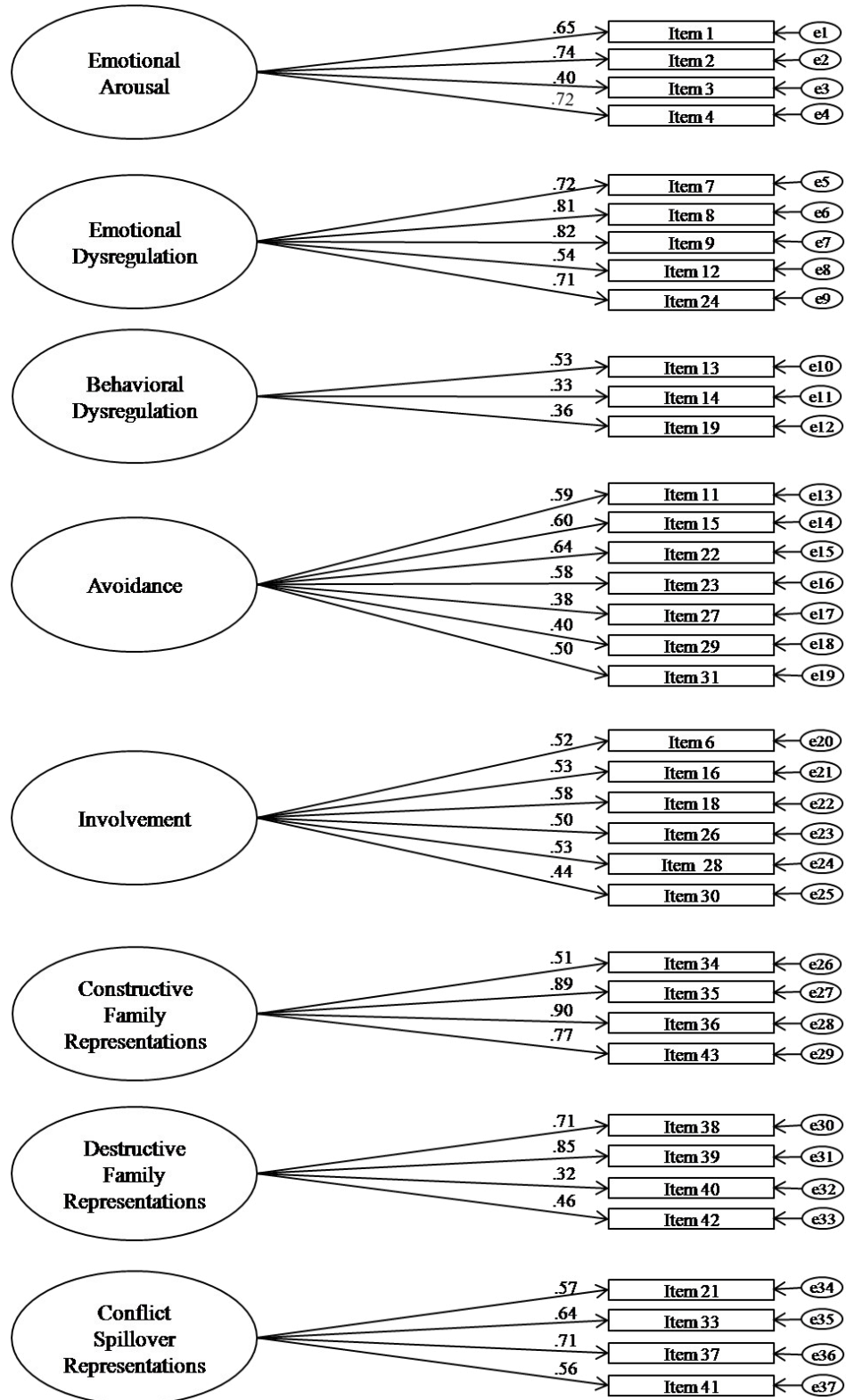


Figure 3 – Alternative Second Order Seven-factor Model (Model 3)

Model 3 – Second Order Seven-factor Model and its standardized coefficients.

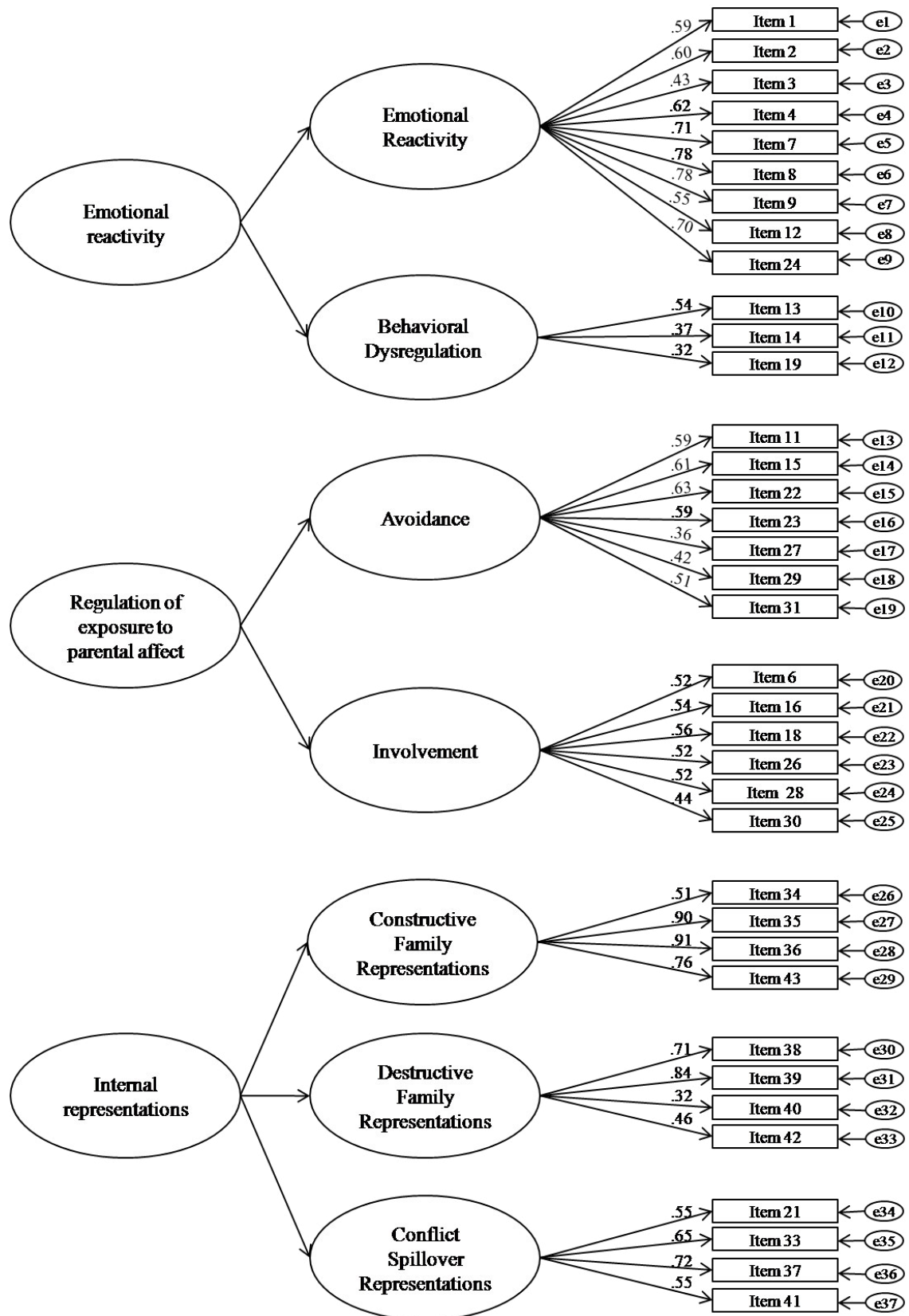


Figure 4 – Alternative Second Order Eight-factor Model (Model 4)

Model 4 – Second Order Eight-factor Model and its standardized coefficients.

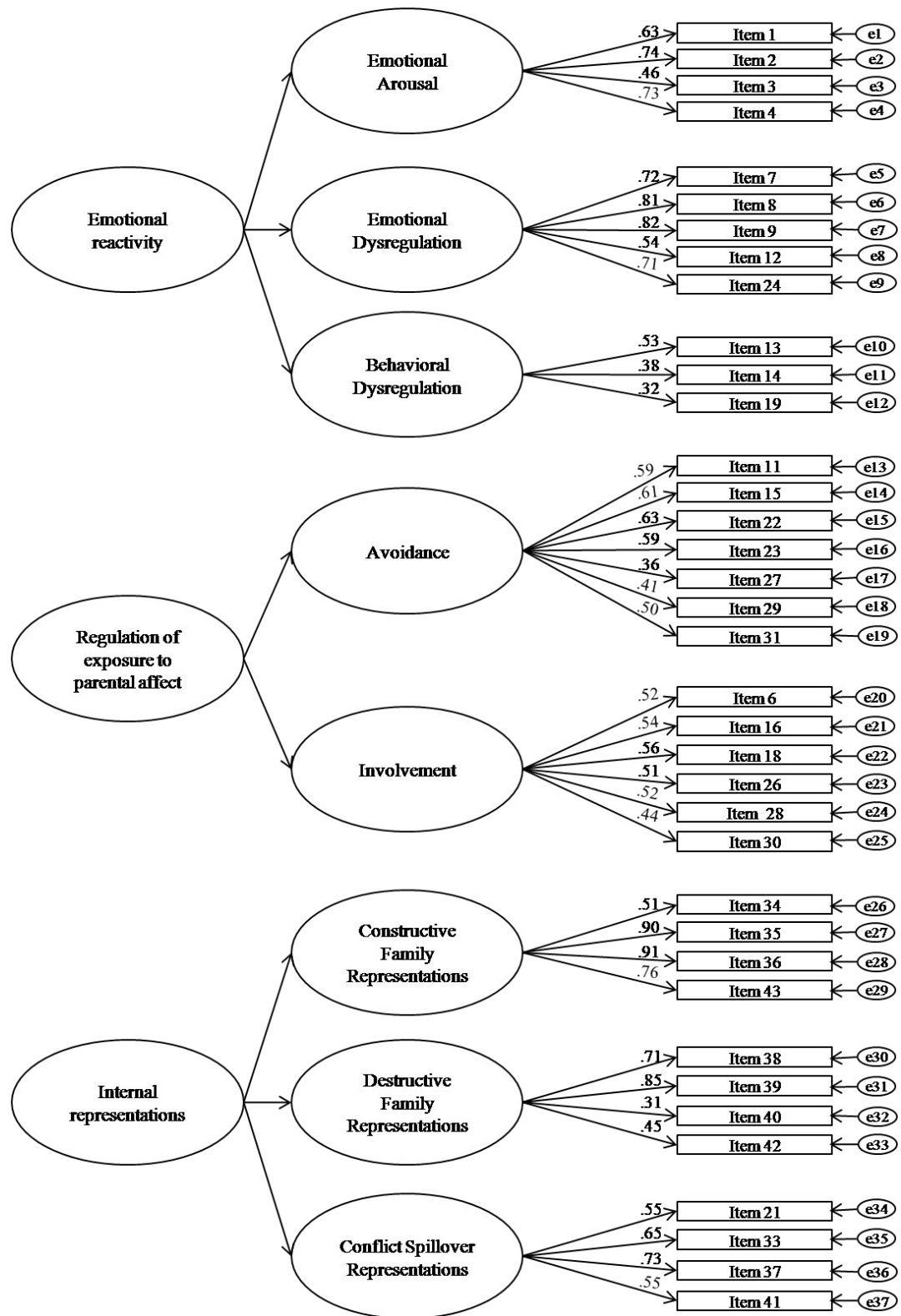
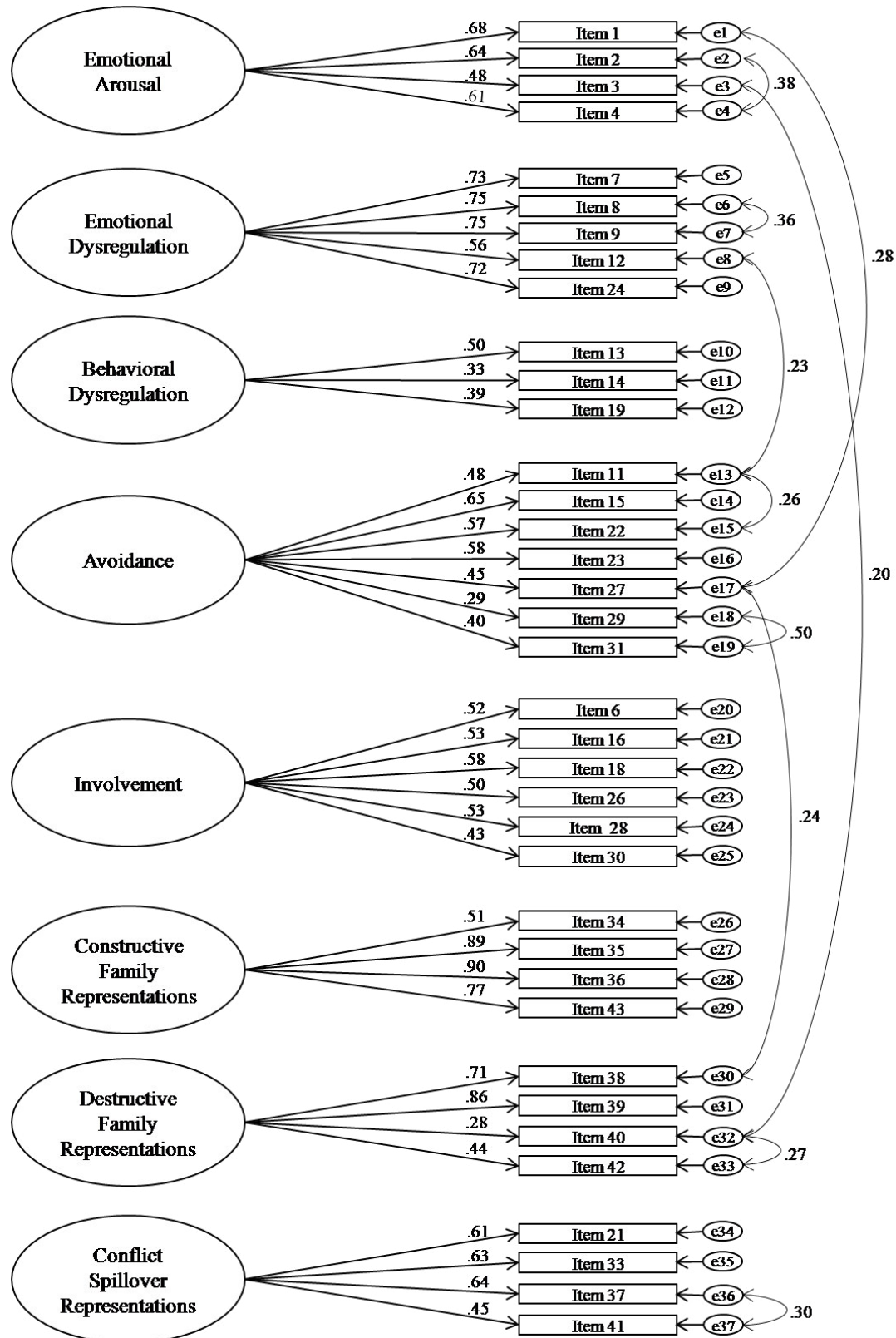


Figure 5 – Improved Eight-factor Model (Model 5)

Model 5 – Improved Eight-factor Model, with its standardized coefficients, and significant correlations between item error terms.



TABLES

Table 1 – Descriptive analysis of the SIS Scales items (N = 355)

| | Mean | SD | | Mean | SD |
|---------|------|------|---------|------|------|
| Item 1 | 2.90 | 1.09 | Item 23 | 2.52 | 1.12 |
| Item 2 | 1.90 | 1.00 | Item 24 | 1.97 | 1.02 |
| Item 3 | 2.07 | 1.07 | Item 25 | 1.56 | .89 |
| Item 4 | 1.76 | .97 | Item 26 | 1.62 | .86 |
| Item 5 | 1.08 | .40 | Item 27 | 3.42 | .94 |
| Item 6 | 2.66 | 1.10 | Item 28 | 2.54 | 1.14 |
| Item 7 | 2.09 | 1.09 | Item 29 | 1.80 | 1.04 |
| Item 8 | 1.68 | .96 | Item 30 | 1.93 | .95 |
| Item 9 | 1.93 | 1.08 | Item 31 | 2.37 | 1.15 |
| Item 10 | 1.12 | .44 | Item 32 | 1.55 | .88 |
| Item 11 | 2.01 | 1.01 | Item 33 | 1.57 | .83 |
| Item 12 | 2.20 | 1.09 | Item 34 | 2.87 | 1.02 |
| Item 13 | 1.27 | .64 | Item 35 | 3.26 | 1.01 |
| Item 14 | 1.03 | .26 | Item 36 | 3.16 | .99 |
| Item 15 | 2.50 | 1.13 | Item 37 | 1.41 | .72 |
| Item 16 | 2.18 | 1.11 | Item 38 | 2.77 | 1.16 |
| Item 17 | 2.56 | 1.09 | Item 39 | 2.42 | 1.08 |
| Item 18 | 2.70 | 1.07 | Item 40 | 1.47 | .80 |
| Item 19 | 1.14 | .46 | Item 41 | 1.18 | .52 |
| Item 20 | 2.01 | 1.05 | Item 42 | 1.84 | 1.05 |
| Item 21 | 1.68 | .91 | Item 43 | 3.10 | 1.03 |
| Item 22 | 2.30 | 1.07 | | | |

Table 2 – SIS subscales internal consistency, means and standard deviations for the overall sample and each gender, and intercorrelations between the SIS Scales

| | Overall Sample (N = 335) | | | | Gender Differences | | | | | Factor Intercorrelations | | | | | |
|---|-------------------------------|---------------------|-------|------|--------------------|------|-----------------|------|----------|--------------------------|-------|-------|-------|--------|-------|
| | Internal Consistency | | M | SD | Boys (N = 153) | | Girls (N = 202) | | | | | | | | |
| | Davies et al. (2002) α | Our Sample α | | | M | SD | M | SD | | | | | | | |
| | 1 | 2 | | | 3 | 4 | 5 | 6 | | | | | | | |
| Emotional reactivity | | | | | | | | | | | | | | | |
| 1. Emotional Reactivity | .86 | .86 | 18.51 | 6.29 | 17.48 | 5.90 | 19.29 | 6.50 | 2.749*** | | | | | | |
| 2. Behavioral Dysregulation | .32 | .32 | 3.44 | .91 | 3.46 | .93 | 3.43 | .90 | −.481 | .21** | | | | | |
| Regulation of exposure to parental affect | | | | | | | | | | | | | | | |
| 3. Avoidance | .73 | .73 | 16.90 | 4.52 | 15.86 | 4.36 | 17.70 | 4.50 | 3.839*** | .54** | .11* | | | | |
| 4. Involvement | .68 | .68 | 13.64 | 3.81 | 13.39 | 4.04 | 13.82 | 3.63 | 1.049 | .54** | .15** | .35** | | | |
| Internal representations | | | | | | | | | | | | | | | |
| 5. Constructive Family Representations | .85 | .85 | 12.38 | 3.29 | 12.14 | 3.40 | 12.56 | 3.21 | 1.212 | .01 | −.10 | .13* | .29** | | |
| 6. Destructive Family Representations | .68 | .68 | 8.50 | 2.87 | 8.19 | 2.87 | 8.74 | 2.86 | 1.814* | .59** | .20** | .43** | .44** | −.09 | |
| 7. Conflict Spillover Representations | .69 | .69 | 5.85 | 2.14 | 5.88 | 2.16 | 5.83 | 2.14 | −.251 | .50** | .35** | .40** | .27** | −.18** | .44** |

Note: * $p < .10$; ** $p < .05$; *** $p < .01$.

Table 3 – Model fit statistics

| Models | χ^2 (df) | GFI | CFI | RMSEA | SRMR | $\Delta\chi^2$ |
|--|---------------------------------|------------|------------|--------------|-------------|----------------------------------|
| Model 1 – Seven-factor Model | 1713,260 (608)* | .78 | .76 | .07 | .09 | – |
| Model 2 – Second Order Seven-factor Model | 1810,801 (619)* | .76 | .74 | .07 | .09 | 97,541 (11)* |
| Model 3 – Eight-factor Model | 1625,355 (601)* | .79 | .78 | .07 | .09 | 87,905 (7)* |
| Model 4 – Second Order Eight-factor Model | 1737,387 (618)* | .77 | .76 | .07 | .10 | 24,127 (10)** |
| Model 5 – Improved Eight-factor Model | 1338,426 (591)* | .83 | .84 | .06 | .08 | 374,834 (17)* |

Note: * $p < .001$; ** $p < .01$.

Table 4 – Correlations between the Security in the Interparental Subsystem (SIS) subscales, CPIC subscales and OPS marital conflict scale

| | Children's Perception of Interparental Conflict | | | Overt Marital Conflict | |
|--|---|------------|---------|------------------------|--------|
| | Conflict Properties | Self-Blame | Threat | Mother | Father |
| Emotional reactivity | | | | | |
| 1. Emotional Arousal | .20** | .10 | .51** | .04 | – .03 |
| 2. Emotional Dysregulation | .26** | .20** | .53** | .13* | .04 |
| 3. Behavioral Dysregulation | .19** | .28** | .20** | .08 | .10 |
| Regulation of exposure to parental affect | | | | | |
| 4. Avoidance | .23** | .07 | .51** | .08 | .02 |
| 5. Involvement | – .02 | .01 | .25** | .02 | – .01 |
| Internal representations | | | | | |
| 6. Constructive Family Representations | – .52** | – .21** | – .22** | – .13* | – .06 |
| 7. Destructive Family Representations | .40** | .10 | .57** | .14** | .00 |
| 8. Conflict Spillover Representations | .31** | .50** | .44** | .18** | .07 |

*Note: * $p < .05$; ** $p < .01$.*

Table 5 – Correlations between the Security in the Interparental Subsystem (SIS) subscales and the Internalization and Externalization subscales of the YSR and CBCL

| | Child | | Mother | | Father | |
|--|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| | Internalize | Externalize | Internalize | Externalize | Internalize | Externalize |
| Emotional reactivity | | | | | | |
| 1. Emotional Arousal | .24** | .05 | .01 | -.07 | -.10 | -.08 |
| 2. Emotional Dysregulation | .38** | .23** | .08 | .04 | .06 | .06 |
| 3. Behavioral Dysregulation | .11* | .26** | .06 | .10 | -.01 | .07 |
| Regulation of exposure to parental affect | | | | | | |
| 4. Avoidance | .33** | .11* | .10 | .06 | .06 | -.05 |
| 5. Involvement | .11* | .08 | -.04 | -.06 | -.06 | -.05 |
| Internal representations | | | | | | |
| 6. Constructive Family Representations | -.10 | -.10 | .02 | -.04 | -.03 | -.12* |
| 7. Destructive Family Representations | .25** | .21** | .04 | -.01 | -.02 | .00 |
| 8. Conflict Spillover Representations | .33** | .32** | .19** | .18** | .08 | .16** |

Note: * $p < .05$; ** $p < .01$.

Table 6 – Correlations between the Security in the Interparental Subsystem (SIS) subscales and the KMS marital satisfaction scale

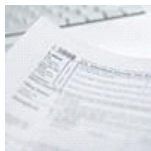
| | Marital Satisfaction | |
|--|-----------------------------|---------------|
| | Mother | Father |
| Emotional reactivity | | |
| 1. Emotional Arousal | .06 | – .02 |
| 2. Emotional Dysregulation | – .05 | – .07 |
| 3. Behavioral Dysregulation | – .01 | – .03 |
| Regulation of exposure to parental affect | | |
| 4. Avoidance | – .05 | – .00 |
| 5. Involvement | .06 | .06 |
| Internal representations | | |
| 6. Constructive Family Representations | .26** | .17** |
| 7. Destructive Family Representations | – .10 | – .06 |
| 8. Conflict Spillover Representations | – .11* | .06 |

*Note: * $p < .05$; ** $p < .01$.*

APPENDIXES

APPENDIX A

Autorização do Ministério de Educação



Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar

[Início](#) » [Consultar inquéritos](#) » **Ficha de inquérito**

Identificação da Entidade / Interlocutor

Nome da entidade:

Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa

Nome do Interlocutor:

Marta Maria Figueiredo Pedro Vazão de Almeida

E-mail do interlocutor:

mmfpedro@fp.ul.pt

Faculdade de Psicologia da
Universidade de Lisboa

Sair

Área reservada

- Dados da entidade
- Consultar inquéritos
- Registar inquérito
- Instruções

Dados do Inquérito

Número de registo:

0397600001

Designação:

Relações familiares e bem-estar na adolescência: Factores protectores e de risco em contexto de crise económica

Descrição:

Portugal atravessa actualmente uma época de crise financeira na qual várias famílias estão sujeitas a mudanças ao nível da sua situação profissional e rendimento mensal. Neste sentido, a literatura científica indica que a existência de dificuldades financeiras aumenta o conflito conjugal através do stress exercido nos indivíduos. Por outro lado, vários estudos indicam que os filhos são muitas vezes envolvidos no conflito entre os pais, directa ou indirectamente, por iniciativa própria ou dos pais. Embora o envolvimento dos filhos no conflito interparental ocorra na maioria das famílias saudáveis, quando esta situação se torna demasiado frequente e intensa pode perturbar o ajustamento sócio-emocional do adolescente, afectando o seu bem-estar. Considerando as evidências empíricas que indicam que as dificuldades financeiras aumentam a probabilidade de conflitos conjugais, faz sentido pensar que, em contexto de crise financeira, seja também mais difícil para os pais evitar discutir quando os filhos estão presentes, aumentando, desta forma, a probabilidade dos filhos serem envolvidos no conflito interparental. Contudo, o papel mediador do envolvimento dos filhos no conflito interparental, na relação entre este conflito e o bem-estar do adolescente, não foi ainda investigado no contexto de dificuldades económicas. Por outro lado, o papel que as estratégias de coping diádico do casal, e as estratégias de coping individual usadas pelos pais e pelos filhos, na relação entre o conflito interparental e o bem-estar do adolescente, também se encontra ainda pouco investigado.

Assim, o presente estudo tem como objectivo investigar factores familiares e individuais que contribuam para minimizar o impacto da crise económica na relação conjugal e no bem-estar dos filhos, pretendendo-se ainda identificar estratégias que pais e filhos possam utilizar para fazer face às dificuldades familiares que surjam no contexto actual.

Objectivos:

- Investigar o impacto das dificuldades económicas em várias dimensões do funcionamento familiar (forças, dificuldades e comunicação familiar; envolvimento dos filhos no conflito interparental), conjugal (conflito e satisfação conjugais) e do bem-estar do adolescente (depressão, ansiedade, hostilidade e rendimento académico)
- Investigar o papel mediador do stress emocional dos pais, na relação entre as dificuldades económicas e o conflito e a satisfação conjugais
- Investigar o papel mediador do envolvimento dos adolescentes no conflito interparental, na relação entre o conflito conjugal e o bem-estar do adolescente, no contexto de crise económica
- Investigar o papel das estratégias de coping diádico e individual de cada um dos elementos do casal parental, na relação entre as várias dimensões do funcionamento familiar, conjugal e do bem-estar do adolescente.
- Investigar o papel das estratégias de coping individual dos adolescentes, na relação entre as várias dimensões do funcionamento familiar, conjugal e do bem-estar do adolescente.

Periodicidade:

Trimestral

Data do início do período de recolha de dados:

06-01-2014

Data do fim do período de recolha de dados:

21-07-2014

- Início
- Pesquisar inquéritos

| | |
|--|---|
| Universo: | Adolescentes de ambos os sexos, estudantes do 7º ao 12º ano de escolaridade |
| Unidade de observação: | Adolescentes de ambos os sexos, estudantes do 7º ao 12º ano de escolaridade |
| Método de recolha de dados: | Aplicação de instrumentos de auto-relato em regime presencial na sala de aula |
| Inquérito registado no Sistema Estatístico Nacional: | Não |
| Inquérito aplicado pela entidade: | Sim |
| Instrumento de inquirição: | 03976_201312041802_Documento1.docx (DOCX - 93,60 KB) |
| Nota metodológica: | 03976_201312041802_Documento2.docx (DOCX - 18,09 KB) |
| Outros documentos: | 03976_201312041802_Documento3.pdf (PDF - 366,03 KB) |
| Data de registo: | 04-12-2013 |
| Versão: | 1 (1) |

| | |
|---------------------|--|
| Dados adicionais | |
| Estado: | Aprovado |
| Avaliação: | Exmo(a) Senhor(a) Dr(a) Marta Maria Figueiredo Pedro Vazão de Almeida Venho por este meio informar que o pedido de realização de inquérito em meio escolar é autorizado uma vez que, submetido a análise, cumpre os requisitos, devendo atender-se às observações aduzidas. Com os melhores cumprimentos José Vitor Pedroso Diretor de Serviços de Projetos Educativos DGE |
| Observações: | a) A realização do Inquérito fica sujeita a autorização das Direções dos Agrupamentos de Escolas e Escolas não agrupadas do ensino público indicadas na nota metodológica. Merece especial atenção o modo, o momento e condições de aplicação do instrumento de recolha de dados em meio escolar (porque oneroso), devendo fazer-se em estreita articulação com as Direções das Escolas/Agrupamentos que autorizem a realização do estudo. b) Deve considerar-se o disposto na Lei nº 67/98 em matéria de garantia de anonimato dos sujeitos, confidencialidade, proteção e segurança dos dados, sendo necessário solicitar o consentimento informado e esclarecido do titular dos dados. No caso presente de inquirição de alunos menores (menos de 18 anos) este deverá ser atestado pelos seus representantes legais. As autorizações assinadas pelos Encarregados de Educação devem ficar em poder da Escola/Agrupamento ao qual pertencem os alunos. Não deve haver cruzamento ou associação de dados entre os que são recolhidos pelos instrumentos de inquirição e os constantes da declaração de consentimento informado. |
| Outras observações: | Sem observações. |

[Voltar](#) | Versão 1 |

APPENDIX B

Carta de Solicitação de Colaboração no Estudo

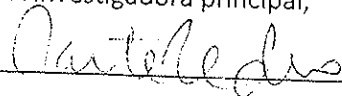
Exmo. Sr. Encarregado de Educação,

Portugal atravessa uma época de dificuldades financeiras que pode aumentar as discussões conjugais maioria das famílias, tornando mais difícil para os pais evitar discutir quando os filhos estão presentes. Neste sentido, investigadoras da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa (FPUL) (Marta Pedro e a Francisco, Professoras Auxiliares Convidadas da FPUL) estão a realizar um estudo com o objetivo de estudar factores familiares e individuais que contribuam para diminuir o impacto da crise económica na relação conjugal e no bem-estar e rendimento académico dos filhos.

Para tal, **solicitamos a colaboração da sua família**. A **participação dos pais** (mãe e pai) consistirá no preenchimento de um conjunto de questionários, em casa (com duração de cerca de 30 minutos), que serão devolvidos em envelope fechado (garantindo a confidencialidade dos dados) à directora de turma. A **participação do(a) seu/sua filho(a)** decorrerá na escola, em horário a combinar, e consistirá, igualmente, no preenchimento de questionários (com duração de cerca de 40 minutos). De forma a compreender melhor a influência das dificuldades económicas no ajustamento familiar, bem como no bem-estar e rendimento académico do adolescente, a **participação da sua família** no preenchimento dos questionários é solicitada duas vezes ao longo do ano lectivo: (1) no início do 2º período e (2) no final do ano lectivo.

A participação no estudo é voluntária e os dados disponibilizados são confidenciais, uma vez que os dados não serão analisados individualmente mas em termos gerais, juntamente com as respostas dos outros participantes. **Não haverá quaisquer consequências para quem se recusar participar**. Agradecemos a ajuda, sem a qual este estudo não seria possível!

A investigadora principal,



(Marta Pedro)

Qualquer esclarecimento, contactar:

Marta Pedro, Coordenadora e Investigadora principal
Investigadora/Professora Auxiliar Convidada (FP-UL)

contacto: mmpedro@fp.ul.pt

Por favor, entregue este destacável à Directora de Turma, no prazo de 1 semana. Obrigada!

_____, encarregado de educação do(a)
_____, autorizo a participação da minha família
no estudo acima referido.

Assinatura da Encarregado de Educação

APPENDIX C

Consentimento Informado dos Adolescentes

Consentimento Informado

*“Relações familiares e bem-estar na adolescência:
Factores protectores e de risco em contexto de crise económica”*

A investigação para a qual pedimos a sua colaboração está a ser realizada por investigadores da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa (FPUL) (Marta Pedro e Rita Francisco).

Portugal atravessa uma época de dificuldades financeiras que pode aumentar as discussões na maioria das famílias. Este estudo tem como objectivo investigar factores familiares e individuais que contribuam para reduzir o impacto da crise económica nas relações familiares e no bem-estar dos adolescentes.

A participação no estudo é voluntária e os dados disponibilizados são confidenciais, uma vez que os resultados não serão analisados individualmente mas em termos gerais, juntamente com as respostas dos outros participantes. Não haverá quaisquer consequências para quem se recusar participar.

Tomei conhecimento do objectivo do estudo e do que tenho de fazer para participar. Fui informado(a) que tenho o direito a recusar participar e que a minha recusa em fazê-lo não terá consequências para mim.

Assim, declaro que aceito participar na investigação.

Rúbrica (*por favor não indicar o nome ou outro dado que permita a sua identificação*): _____

Data: ____ / ____ / ____

Marta Pedro, Coordenadora e Investigadora principal

Investigadora/Professora Auxiliar Convidada (FP-UL)

Contacto: mmpedro@fp.ul.pt

Rita Francisco, Investigadora principal

Investigadora/Professora Auxiliar Convidada (FP-UL)

Contacto: rmfrancisco@fp.ul.pt

APPENDIX D

Protocolo de Investigação dos Adolescentes

PROTOCOLO DE INVESTIGAÇÃO

Versão Filhos

Por favor escreva no código abaixo:

- No **1º quadrado** escreva: a 1ª letra do seu nome
- No **2º quadrado** escreva: a 1ª letra do nome do seu pai
- No **3º quadrado** escreva: o dia em que nasceu
- No **4º quadrado** escreva: o número da porta da sua casa (se a sua casa não tiver número coloque um zero)

Exemplo: **Código** | J | M | 12 | 4 |

Código | _ | _ | _ | _ |

QUESTIONÁRIO GERAL

Data ____ / ____ / ____

É muito importante que leia atentamente e **responda a todas as questões**. Deixar questões em branco inutiliza todo o questionário e impossibilita que as suas respostas sejam incluídas na investigação.

Quando não tiver a certeza acerca de um valor ou resposta, por favor, responda com dados aproximados.

1. Sexo 2. Idade 3. Ano de escolaridade

☐ Feminino ☐ Masculino ____ anos ____ ano

4. Origem étnica

☐ Caucasiana ☐ Africana ☐ Caucasiana-Africana ☐ Asiático ☐ Outra Qual? _____

5. Zona de Residência Habitual

☐ Norte ☐ Centro ☐ Grande Lisboa ☐ Arq. Madeira
☐ Algarve ☐ Alentejo ☐ Arq. Açores ☐ Outra _____

6. Com quem habita?**7. Irmãos**

_____ Número de irmãos _____

8. É crente em alguma religião?

☐ Não ☐ Sim Qual? _____ É praticante? ☐ Não ☐ Sim

9. Tem acompanhamento psicológico ou psiquiátrico?

☐ Nunca teve ☐ Teve no passado ☐ Tem actualmente

10. Pais – Estado Civil**10.1. Pai**

☐ Casado/União de facto
☐ Divorciado/Separado
☐ Viúvo
☐ Solteiro
☐ Não sei

10.2. Mãe

☐ Casada/União de Facto
☐ Divorciada/Separada
☐ Viúva
☐ Solteira
☐ Não sei

11. Profissão dos pais

Profissão do pai _____ Profissão da mãe _____

12. Nível de escolaridade dos pais**Pai**

☐ Até 4º ano
☐ 5º a 6º ano
☐ 7º a 9º ano
☐ 10º a 12º ano
☐ Licenciatura
☐ Pós-licenciatura

Mãe

☐ Até 4º ano
☐ 5º a 6º ano
☐ 7º a 9º ano
☐ 10º a 12º ano
☐ Licenciatura
☐ Pós-licenciatura

YSR (Achenbach, 2001; versão portuguesa)

Segue-se uma lista de frases que descrevem características de rapazes e raparigas. Lê cada uma delas e indica até que ponto elas descrevem a maneira como tu **és ou tens sido durante os últimos 6 meses**. Por favor responde a todas as descrições o melhor que possas, mesmo que algumas pareçam não se aplicar exactamente.

| Não é verdadeira | De alguma forma ou algumas vezes verdadeira | Muito verdadeira ou muitas vezes verdadeira |
|-------------------------|--|--|
| 0 | 1 | 2 |

| | | | |
|--|----------|----------|----------|
| 3. Discuto muito | 0 | 1 | 2 |
| 5. Não há muitas coisas de que goste | 0 | 1 | 2 |
| 14. Choro muito | 0 | 1 | 2 |
| 16. Sou mau/má para as outras pessoas | 0 | 1 | 2 |
| 19. Tento que me dêem muita atenção | 0 | 1 | 2 |
| 20. Destruo as minhas coisas | 0 | 1 | 2 |
| 21. Destruo coisas da minha família ou de colegas | 0 | 1 | 2 |
| 22. Desobedeço aos meus pais | 0 | 1 | 2 |
| 23. Sou desobediente na escola | 0 | 1 | 2 |
| 29. Tenho medo de determinados animais, situações ou lugares, sem incluir a escola (descreve) _____ | 0 | 1 | 2 |
| 30. Tenho medo de ir para a escola | 0 | 1 | 2 |
| 31. Tenho medo de pensar ou fazer qualquer coisa de mal | 0 | 1 | 2 |
| 32. Sinto que tenho de ser perfeito(a) | 0 | 1 | 2 |
| 33. Sinto que ninguém gosta de mim | 0 | 1 | 2 |
| 35. Sinto-me sem valor ou inferior aos outros | 0 | 1 | 2 |
| 37. Meto-me em muitas lutas/brigas | 0 | 1 | 2 |
| 42. Gosto mais de estar sozinho(a) do que acompanhado(a) | 0 | 1 | 2 |
| 45. Sou nervoso(a), irritável ou tenso(a) | 0 | 1 | 2 |
| 50. Sou demasiado medroso(a) ou ansioso(a) | 0 | 1 | 2 |
| 52. Sinto-me demasiado culpado(a) | 0 | 1 | 2 |
| 57. Agrido fisicamente outras pessoas | 0 | 1 | 2 |
| 65. Recuso-me a falar | 0 | 1 | 2 |
| 68. Grito muito | 0 | 1 | 2 |
| 69. Sou reservado(a), guardo as coisas para mim mesmo(a) | 0 | 1 | 2 |
| 71. Fico facilmente embaraçado(a) ou pouco à vontade | 0 | 1 | 2 |
| 75. Sou envergonhado(a) ou tímido(a) | 0 | 1 | 2 |
| 86. Sou teimoso(a) | 0 | 1 | 2 |

| | | | |
|---|----------|----------|----------|
| 87. Tenho mudanças repentinas de disposição ou sentimentos | 0 | 1 | 2 |
| 89. Sou desconfiado(a) | 0 | 1 | 2 |
| 91. Penso em matar-me | 0 | 1 | 2 |
| 94. Arreio muito os outros | 0 | 1 | 2 |
| 95. Tenho um temperamento exaltado | 0 | 1 | 2 |
| 97. Ameaço magoar/ferir as pessoas | 0 | 1 | 2 |
| 102. Não tenho muita energia | 0 | 1 | 2 |
| 103. Estou infeliz, triste, ou deprimido(a) | 0 | 1 | 2 |
| 104. Falo mais alto do que a maior parte dos rapazes e raparigas | 0 | 1 | 2 |
| 111. Evito envolver-me com os outros | 0 | 1 | 2 |
| 112. Preocupo-me muito | 0 | 1 | 2 |

SIS (Davies et al., 2002; versão portuguesa de Pedro & Francisco, 2013)

Por favor responda às seguintes questões considerando o que se passou consigo no último ano. Responda a cada questão assinalando com um círculo a sua resposta.

| 1 | 2 | 3 | 4 |
|------------------------------|-------------------------|------------------------------|----------------------|
| Nada verdade para mim | Um pouco verdade | Mais ou menos verdade | Muito verdade |

| <i>Quando os meus pais discutem sinto-me...</i> | | | | |
|---|----------|----------|----------|----------|
| 1. Triste | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 2. Assustado(a) | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 3. Zangado(a) | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 4. Inseguro(a) | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 5. Feliz | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 6. Com pena de um ou de ambos os meus pais | 1 | 2 | 3 | 4 |
| <i>Depois dos meus pais discutirem...</i> | | | | |
| 7. O meu dia fica estragado | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 8. Não consigo acalmar-me | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 9. Não consigo afastar os sentimentos negativos | 1 | 2 | 3 | 4 |
| <i>Quando os meus pais têm uma discussão...</i> | | | | |
| 10. Rio-me ou sorrio | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 11. Fico muito quieto, como se tivesse “congelado” | 1 | 2 | 3 | 4 |

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| 12. Tento esconder o que estou a sentir | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 13. Grito ou digo coisas desagradáveis a pessoas da minha família | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 14. Bato, dou pontapés, estalos ou atiro coisas a pessoas da minha família | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 15. Não sei o que fazer | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 16. Tento distraí-los falando de outras coisas | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 17. Observo-os e ouço o que estão a dizer com muita atenção | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 18. Tento portar-me o melhor possível (por exemplo, sou simpático para os meus pais) | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 19. “Armo-me em palhaço” ou arranjo problemas | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 20. Não penso nisso | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 21. Sinto-me “apanhado” no meio deles os dois | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 22. Tento ficar muito sossegado | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 23. Acabo por não fazer nada, embora desejasse poder fazer alguma coisa | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 24. Não consigo parar de pensar nos problemas deles | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 25. Não me preocupo com isso porque é uma perda de tempo | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 26. Tento resolver o problema por eles | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 27. Espero e desejo que as coisas melhorem | 1 | 2 | 3 | 4 |
| Quando os meus pais têm uma discussão... | | | | |
| 28. Tento confortar um deles ou os dois | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 29. Só me apetece ficar o mais longe deles possível | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 30. Tento fingir que as coisas estão melhores | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 31. Tento afastar-me deles (por exemplo, saio da sala e vou para outro sítio da casa) | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 32. Acabo por ficar do lado de um deles/Acabo por tomar o partido de um deles | 1 | 2 | 3 | 4 |
| Quando os meus pais têm uma discussão... | | | | |
| 33. Sinto que estão chateados comigo | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 34. As pessoas da família são na mesma capazes de se dar bem umas com as outras | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 35. Sei que mesmo assim eles gostam um do outro | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 36. Sei que vai ficar tudo bem | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 37. Sinto que a culpa é minha | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 38. Preocupo-me com o futuro da minha família | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 39. Preocupo-me com o que vão fazer a seguir | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 40. Sei que é porque eles não sabem como se dar bem | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 41. Acho que me culpam | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 42. Penso se eles se vão separar ou divorciar | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 43. Acredito que eles podem resolver os problemas deles | 1 | 2 | 3 | 4 |

CPIC (Grych et al., 1992; versão portuguesa de Moura et al., 2006, 2010)

Neste questionário é descrito um conjunto de situações que se referem às relações familiares, especialmente às alturas em que os pais discutem. Responda a cada afirmação assinalando, com uma cruz (X), a resposta que melhor exprime o modo como se sente ou se sentiu nessas situações.

| Discordo totalmente | Discordo | Discordo moderadamente | Concordo moderadamente | Concordo | Concordo totalmente |
|----------------------------|-----------------|-------------------------------|-------------------------------|-----------------|----------------------------|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |

| | | | | | | |
|---|----------|----------|----------|----------|----------|----------|
| 1. Eu nunca vi os meus pais discutirem ou zangarem-se | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 2. Quando os meus pais têm uma discussão geralmente tentam resolvê-la | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 3. Os meus pais discutem frequentemente sobre as coisas que eu faço na escola | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 4. Os meus pais ficam realmente zangados quando discutem | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 5. Quando os meus pais discutem, eu sei que posso fazer algo para me sentir melhor | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 6. Eu fico assustado(a) quando os meus pais discutem | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 7. Eu sinto que estou no centro das discussões dos meus pais | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 8. Eu não me sinto culpado(a) pelo facto de os meus pais discutirem | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 9. Provavelmente os meus pais não imaginam que eu sei que eles discutem muito | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 10. Mesmo quando terminam uma discussão, os meus pais continuam zangados | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 11. Os meus pais têm conflitos porque não são felizes juntos | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 12. Quando têm desentendimentos, os meus pais discutem calmamente | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 13. Eu não sei o que fazer quando os meus pais têm discussões | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 14. Os meus pais insultam-se, mesmo na minha presença | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 15. Quando os meus pais discutem, eu preocupo-me com o que me possa acontecer | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 16. Os meus pais geralmente discutem por minha causa | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 17. Eu vejo frequentemente os meus pais a discutir | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 18. Os meus pais geralmente chegam a um acordo quando discutem | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 19. As discussões dos meus pais são frequentemente por minha causa | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 20. As razões pelas quais os meus pais discutem são sempre as mesmas | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 21. Quando os meus pais têm uma discussão dizem coisas desagradáveis um ao outro | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 22. Quando os meus pais discutem eu sei que posso fazer algo para ajudar a melhorar a situação | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 23. Quando os meus pais discutem eu tenho medo que algo de mal aconteça | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 24. A minha mãe quer que eu esteja do seu lado quando ela e o meu pai discutem | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 25. Eu sinto-me culpado(a) por os meus pais discutirem, mesmo que eles não o digam | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 26. Os meus pais quase nunca discutem | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 27. Os meus pais discutem mas depois fazem as pazes | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 28. Os meus pais geralmente discutem por coisas que eu fiz | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 29. Os meus pais discutem porque realmente não gostam um do outro | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 30. Quando os meus pais têm uma discussão, gritam muito um com o outro | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 31. Quando os meus pais discutem não existe nada que eu possa fazer para os impedir | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 32. Quando os meus pais discutem fico preocupado(a) com a possibilidade de um deles ficar magoado | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 33. Eu sinto que tenho de tomar partido quando os meus pais discutem | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 34. Os meus pais fazem críticas e queixas um do outro | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 35. Os meus pais raramente falam alto quando estão a discutir | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 36. Os meus pais entram frequentemente em discussão quando eu faço algo de errado | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 37. Os meus pais atiram e partem objetos durante as discussões | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 38. Após os meus pais terminarem de discutir, geralmente são carinhosos um com o outro | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 39. Quando os meus pais discutem tenho receio que eles também possam gritar comigo | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 40. Os meus pais culpam-me pelas suas discussões | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 41. O meu pai quer que eu esteja do seu lado quando ele e a minha mãe discutem | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 42. Os meus pais agredem-se durante uma discussão | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 43. Quando os meus pais discutem não existe nada que eu possa fazer para me sentir melhor | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 44. Quando os meus pais discutem eu preocupo-me com a possibilidade de eles poderem divorciar-se | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 45. Os meus pais continuam zangados, mesmo depois de terminarem uma discussão | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 46. Os meus pais têm discussões porque não querem continuar juntos | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 47. Geralmente as discussões dos meus pais não são por minha causa | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 48. Quando os meus pais discutem não ouvem nada do que eu digo | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |

MUITO OBRIGADA PELA SUA COLABORAÇÃO!

Dentro de 3 meses, aproximadamente, voltaremos a pedir a sua colaboração para preencher o mesmo questionário, de forma a conseguirmos avaliar rigorosamente os factores que reduzem o impacto da crise económica no bem-estar da sua família.

APPENDIX E

Consentimento Informado dos Pais

Consentimento Informado

*“Relações familiares e bem-estar na adolescência:
Factores protectores e de risco em contexto de crise económica”*

A investigação para a qual pedimos a sua colaboração está a ser realizada por investigadores da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa (FPUL) (Marta Pedro e Rita Francisco).

Portugal atravessa uma época de dificuldades financeiras que pode aumentar as discussões conjugais na maioria das famílias, tornando mais difícil para os pais evitar discutir quando os filhos estão presentes. Este estudo tem como objectivo investigar factores familiares e individuais que contribuam para minimizar o impacto da crise económica na relação conjugal e no bem-estar dos filhos. Pretende-se ainda identificar estratégias que pais e filhos possam utilizar para fazer face às dificuldades familiares que surjam no contexto actual.

A participação no estudo é voluntária e os dados disponibilizados são confidenciais, uma vez que os resultados não serão analisados individualmente mas em termos gerais, juntamente com as respostas dos outros participantes. Não haverá quaisquer consequências para quem se recusar participar.

Tomei conhecimento do objectivo do estudo e do que tenho de fazer para participar.

Fui informado(a) que tenho o direito a recusar participar e que a minha recusa em fazê-lo não terá consequências para mim.

Assim, declaro que aceito participar na investigação.

Rúbrica (*por favor não indicar o nome ou outro dado que permita a sua identificação*): _____

Data: ____ / ____ / ____

Marta Pedro, Coordenadora e Investigadora principal

Investigadora/Professora Auxiliar Convidada (FP-UL)

Contacto: mmpedro@fp.ul.pt

Rita Francisco, Investigadora principal

Investigadora/Professora Auxiliar Convidada (FP-UL)

Contacto: rmfrancisco@fp.ul.pt

APPENDIX F

Protocolo de Investigação dos Pais

PROTOCOLO DE INVESTIGAÇÃO
Versão Pais

Código |__| __| __| __|

QUESTIONÁRIO GERAL

Data ____ / ____ / ____

É muito importante que leia atentamente **e responda a todas as questões**. Deixar questões em branco inutiliza todo o questionário e impossibilita que as suas respostas sejam incluídas na investigação.

Quando não tiver a certeza acerca de um valor ou resposta, por favor, responda com dados aproximados.

1. Sexo 2. Idade 3. Local de Residência

☐ Feminino ☐ Masculino ____ anos ____

4. Nível de escolaridade 5. Profissão

☐ Até 4º ano **A) Estatuto ocupacional** **B) Situação laboral actual**
☐ 5º a 6º ano • Trabalho a tempo inteiro ☐ • Desemprego ☐
☐ 7º a 9º ano • Trabalho a tempo parcial ☐ • Reforma ☐
☐ 10º a 12º ano • Trabalhador independente ☐
☐ Licenciatura • Trabalhador por conta de outrem ☐
☐ Pós-licenciatura Por favor indique a sua profissão _____

6. Estado Civil

☐ Casado/União de Facto Há quanto tempo? _____ anos
☐ Recasado ou em nova união de facto Há quanto tempo? _____ anos
☐ Divorciado/Separado
☐ Solteiro
☐ Viúvo

7. Quantos filhos tem, de que idade e de que sexo? Indique se são filhos biológicos ou não.

8. Informação acerca do(a) filho(a) sobre o(a) qual vai responder ao questionário

Idade _____ Sexo _____ Ano de escolaridade _____

9. É crente em alguma religião?

☐ Não ☐ Sim Qual? _____ É praticante? ☐ Não ☐ Sim

10. Tem acompanhamento psicológico ou psiquiátrico?

☐ Nunca teve ☐ Teve no passado ☐ Tem actualmente

Por favor avalie o grau de satisfação com a relação de casal que tem actualmente com o(a) seu/sua companheiro(a):

| Extremamente insatisfeito(a) | Muito insatisfeito(a) | Moderadamente Insatisfeito(a) | Nem insatisfeito(a) nem satisfeito(a) | Moderadamente satisfeito(a) | Muito satisfeito(a) | Extremamente satisfeito(a) |
|------------------------------|-----------------------|-------------------------------|---------------------------------------|-----------------------------|---------------------|----------------------------|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |

| | | | | | | | |
|--|---|---|---|---|---|---|---|
| 1. Em que medida está satisfeito(a) com a sua relação de casal? | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 2. Em que medida está satisfeito(a) com o(a) seu/sua companheiro(a) enquanto cônjuge? | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 3. Em que medida está satisfeito(a) com a relação que tem com o(a) seu/sua companheiro(a)? | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |

A PARTIR DAQUI RESPONDA ÀS QUESTÕES FOCANDO-SE APENAS NO(A) FILHO(A) QUE TAMBÉM RESPONDEU AO QUESTIONÁRIO.

| Nunca | Raramente | Ocasionalmente | Frequentemente | Muitofrequente mente |
|--------------|------------------|-----------------------|-----------------------|---------------------------------|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |

| | |
|--|------------------|
| 1. Nesta época de dificuldades financeiras, é difícil restringir as discussões sobre dinheiro a alturas e locais específicos. Com que frequência diria que você e o(a) seu/sua companheiro(a) discutem sobre assuntos relacionados com dinheiro em frente deste(a) filho(a)? | 1 2 3 4 5 |
| 2. Muitas vezes os filhos vão ter com um dos pais para pedirem dinheiro ou autorização para fazerem alguma coisa, depois do outro pai lhes ter dito que não. Com que frequência diria que este(a) filho(a) tem este tipo de comportamento consigo ou com o(a) seu/sua companheiro(a) com sucesso? | 1 2 3 4 5 |
| 3. Maridos e mulheres discutem frequentemente sobre como educar os filhos. Com que frequência você e o(a) seu/sua companheiro(a) discutem sobre a educação dos filhos à frente deste(a) filho(a)? | 1 2 3 4 5 |
| 4. Com que frequência este(a) filho(a) vos ouviu a discutir [a si e ao(a) seu/sua companheiro(a)] acerca do papel da mulher na família? (tarefas domésticas, mães trabalhadoras, etc). | 1 2 3 4 5 |
| 5. Com que frequência é que o(a) seu/sua companheiro(a) reclama consigo acerca do seu vício pessoal (beber, estar ser a reclamar, ser desarrumado, etc.) em frente a este(a) filho(a)? | 1 2 3 4 5 |
| 6. Com que frequência é que reclama com o(a) seu/sua companheiro(a) acerca dos vícios pessoais dele/dela em frente a este(a) filho(a)? | 1 2 3 4 5 |
| 7. Em todos os casamentos normais há discussões. Que percentagem de discussões entre si e o(a) seu/sua companheiro(a) diria que acontecem em frente a este(a) filho(a)? | 1 2 3 4 5 |
| 8. Com diferentes níveis, todos experienciamos impulsos quase irresistíveis em alturas de grande stress. Com que frequência há expressão física de hostilidade entre si e o(a) seu/sua companheiro(a) em frente a este(a) filho(a)? | 1 2 3 4 5 |
| 9. Com que frequência você e o(a) seu/sua companheiro(a) mostram hostilidade verbal em frente a este(a) filho(a)? | 1 2 3 4 5 |
| 10. Com que frequência você e o(a) seu/sua companheiro(a) mostram afecto um para com o outro em frente a este(a) filho(a)? | 1 2 3 4 5 |

CBCL (Achenbach, 2001; versão portuguesa)

Segue-se uma lista de frases que descrevem características de crianças e jovens. Leia cada uma delas e indique até que ponto elas descrevem a maneira como o seu filho(a) **é ou tem sido durante os últimos 6 meses**. Por favor responda a todas as descrições o melhor que possa, mesmo que algumas pareçam não se aplicar ao seu filho(a).

| Não é verdadeira | De alguma forma ou algumas vezes verdadeira | Muito verdadeira ou muitas vezes verdadeira |
|------------------|--|---|
| 0 | 1 | 2 |

| | | | |
|---|---|---|---|
| 3. Discute muito | 0 | 1 | 2 |
| 5. Não há muitas coisas de que goste | 0 | 1 | 2 |
| 14. Chora muito | 0 | 1 | 2 |
| 16. Manifesta crueldade, ameaça ou é mau/má para os outros | 0 | 1 | 2 |
| 19. Exige muita atenção | 0 | 1 | 2 |
| 20. Destroí as suas próprias coisas | 0 | 1 | 2 |
| 21. Destroí as coisas da sua família ou de outras crianças | 0 | 1 | 2 |
| 22. É desobediente em casa | 0 | 1 | 2 |
| 23. É desobediente na escola | 0 | 1 | 2 |
| 29. Tem medo de determinados animais, situações ou lugares, sem incluir a escola (descreva) _____ | 0 | 1 | 2 |
| 30. Tem medo de ir para a escola | 0 | 1 | 2 |
| 31. Tem medo de pensar ou fazer qualquer coisa de mal | 0 | 1 | 2 |
| 32. Sente que tem de ser perfeito(a) | 0 | 1 | 2 |
| 33. Sente ou queixa-se de que ninguém gosta dele(a) | 0 | 1 | 2 |
| 35. Sente-se sem valor ou inferior aos outros | 0 | 1 | 2 |
| 37. Mete-se em muitas lutas/brigas | 0 | 1 | 2 |
| 42. Gosta mais de estar sozinho(a) do que acompanhado(a) | 0 | 1 | 2 |
| 45. É nervoso(a), irritável ou tenso(a) | 0 | 1 | 2 |
| 50. É demasiado medroso(a) ou ansioso(a) | 0 | 1 | 2 |
| 52. Sente-se demasiado culpado(a) | 0 | 1 | 2 |
| 57. Agride fisicamente outras pessoas | 0 | 1 | 2 |
| 65. Recusa-se a falar | 0 | 1 | 2 |
| 68. Grita muito | 0 | 1 | 2 |
| 69. É reservado(a), guarda as coisas para si mesmo(a) | 0 | 1 | 2 |
| 71. Mostra-se embaraçado(a) ou pouco à vontade | 0 | 1 | 2 |
| 75. É envergonhado(a) ou tímido(a) | 0 | 1 | 2 |
| 86. É teimoso(a), mal-humorado(a) ou irritável | 0 | 1 | 2 |
| 87. Tem mudanças repentinas de disposição ou sentimentos | 0 | 1 | 2 |
| 89. É desconfiado(a) | 0 | 1 | 2 |

| | | | |
|--|----------|----------|----------|
| 91. Fala em matar-se | 0 | 1 | 2 |
| 94. Arreliá muito os outros | 0 | 1 | 2 |
| 95. Tem birras, temperamento exaltado | 0 | 1 | 2 |
| 97. Ameaça as pessoas | 0 | 1 | 2 |
| 102. É pouco activo(a), vagaroso(a), tem falta de energia | 0 | 1 | 2 |
| 103. É infeliz, triste, ou deprimido(a) | 0 | 1 | 2 |
| 104. É invulgarmente barulhento(a) | 0 | 1 | 2 |
| 111. Isola-se, não se envolve nem estabelece relações com os outros | 0 | 1 | 2 |
| 112. É preocupado(a) | 0 | 1 | 2 |

MUITO OBRIGADA PELA SUA COLABORAÇÃO!

Dentro de 3 meses, aproximadamente, voltaremos a pedir a sua colaboração para preencher o mesmo questionário, de forma a conseguirmos avaliar rigorosamente os factores que minimizam o impacto da crise económica no bem-estar da sua família.

Se estiver disponível para participar na segunda fase deste estudo (que compreende observar a sua família a resolver uma situação), por favor, deixe o seu contacto telefónico ou email

_____.

